



Emanuel guarda o sol nos olhos como um disco luminoso flutuando na escuridão. Ele gosta de observar o céu do deserto e imaginá-lo como um mar de ponta-cabeça. Como outras crianças sírias, ele vive com sua família em um campo de refugiados. A vida não é nada fácil por lá, ainda mais porque ninguém ali teve escolha. Mesmo assim, encontra um lugar para sonhar na companhia dos amigos, especialmente da menina Amal, por quem nutre um sentimento diferente, que ainda não compreende muito bem.

O COMETA É UM SOL QUE NÃO DEU CERTO • TADEU SARMENTO



BARCO  
A VAPOR

# O cometa é um sol que não deu certo

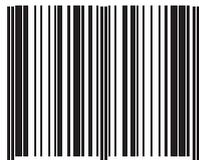
Tadeu Sarmento

Ilustrações  
Apo Fousek



1 8 3 9 6 2

ISBN 978-85-418-1875-9



9 788541 818759

# O cometa é um sol que não deu certo

© Tadeu Sarmiento, 2017

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Revisão: Marcia Menin

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sarmiento, Tadeu

O cometa é um sol que não deu certo /

Tadeu Sarmiento ; ilustrações Apo Fousek. -- São Paulo :

Edições SM, 2017. -- (Coleção barco a vapor)

ISBN: 978-85-418-1875-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Fousek, Apo. II. Título  
III. Série.

17-08166

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br



BARCO  
A VAPOR

# O cometa é um sol que não deu certo

Tadeu Sarmiento

Ilustrações  
Apo Fousek



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

*Para a princesa Iarinha Ariel*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

# ● 1

DE DIA, TUDO LÁ É TÃO CLARO que Emanuel fica com a vista embaçada e anda como se fosse cego. Todo mundo acha graça nisso.

— É por causa do sol — diz ele, sorrindo.

E muita coisa acontece depois.

É que a luz do sol batendo no chão branco pode cegar qualquer um, mas só Emanuel anda daquele jeito, olhando para baixo, ainda mais ao meio-dia. Tem gente que diz que ele faz aquilo só para arrancar risadas dos outros.

E como faz calor! A vida por lá é muito difícil; ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas). Por isso é bom rir de vez em quando. É o que pensa Emanuel.

Mas ele jura que não é por querer que anda feito cego. Diz que fecha os olhos e o sol realmente continua dentro deles, na forma de um disco luminoso flutuando na escuridão. Um sol dentro

dos olhos, do tamanho e da cor de uma tangerina cheia de suco.

O chão é branco igual a leite de cabra, só que ralo. Leite de uma cabra magra e cansada. Os adultos dizem que lá a cor é assim porque estão em um deserto onde ninguém estaria se não houvesse pessoas como eles.

— E como o sol pode ficar no céu e dentro dos olhos da gente ao mesmo tempo? — pergunta Amal, apertando a borda do vestido sujo com as duas mãos.

Emanuel não sabe o que responder a ela. Ele ainda é criança e não tem resposta para muitas coisas. Porém de uma coisa ele sabe: é sempre mais fácil fazer perguntas difíceis que responder a elas. Assim que descobriu isso, passou a responder às perguntas difíceis com uma pergunta difícil também.

— E como sabemos que o sol está no céu se não conseguimos olhar direto para ele?

— Você é bobo.

— Você acha?

— Não sabe responder nada direito?

— Direito de que jeito?

— Sem fazer outra pergunta, feito as pessoas normais.

Emanuel sorri e se cala. Ele conhece Amal e gosta desse jeito dela.

Então se agacha e começa a desenhar na areia, com o dedo indicador, o que parece ser um peixe.

— Bom, vou indo, então. Até mais — diz Amal.

— Até — responde Emanuel.

Mas ela fica. Amal sempre fica.

Os dois vivem em um campo de refugiados. É um lugar difícil para eles, para as outras crianças e também para os adultos, mas ninguém ali teve escolha.

Emanuel olha para o céu em direção às nuvens (não ao sol, mas às nuvens) e pensa que ninguém nunca tem escolha. Que as pessoas são iguais àquelas nuvenzinhas no céu, empurradas pelo vento sabe-se lá para onde ou até quando. Depois pensa que o céu é tão grande que parece tocar as duas pontas do campo e tão azul que dá a impressão de ser um mar de ponta-cabeça, suspenso sobre todos nós.

— E o mar é assim mesmo? — pergunta Nibir, colocando a mão na testa para fazer sombra nos olhos e poder olhar na mesma direção de Emanuel, que acabara de se erguer do chão, terminado o desenho.

Só então Emanuel se dá conta de que pensou alto.

— O quê? — pergunta ele.

— Isso de o céu ser um mar de ponta-cabeça.

— Você nunca viu o mar?

— Está vendo? Ele é bobo. Nunca responde nada direito pra gente — resmunga Amal.

— Acho que ele nunca viu o mar, assim como eu — responde Nabir.

— O que eu sei é que o mar se parece com o céu — afirma Emanuel.

— Com o céu, com o céu... Você é tonto, Emanuel. E onde estão as ondas? — pergunta Amal, apontando para cima com o dedo, mas sem olhar para o alto.

— As ondas são as nuvens — diz Emanuel.

— E os peixes? — quer saber Nabir.

— São os pássaros.

— E o que você desenhou ali no chão é um peixe ou um pássaro? — dispara Amal.

— O que você acha que é?

— Tonto! Agora vou embora mesmo, tchau.

Mas Amal não sai do lugar.

Então Nabir continua:

— Meu pai disse que estamos aqui porque vamos atravessar o mar, nem que seja a nado.

— Nadar até onde? — pergunta Amal, subitamente preocupada, olhando para Emanuel como quem diz que ainda está ali, mas não por causa dele.

— Até outro país. Teremos uma vida melhor por lá. Todos nós. É o que fala meu pai. Uma vida melhor do outro lado do mar.

— Dizem que lá tem uma praia — comenta Emanuel.

— Isso mesmo, a praia do outro país — concorda Nabir.

— Mas é a praia que é a borda do mar ou o mar que é a borda da praia? — indaga Amal.

— Não sei — responde Nabir.

— Bom, e se a gente se afogar? — continua a perguntar ela.

Emanuel olha para Amal com ternura, mas permanece calado, agora fazendo buracos no chão com o dedão do pé.

— Ah, meu pai fala que é melhor morrer no mar que na Síria — observa Nabir.

— O que ele quer dizer com isso? — resmunga Amal.

— Que prefere morrer afogado a morrer nas mãos das brigadas rebeldes. Ele diz que tem muitos extremistas escondidos nas brigadas que

são mais violentos que o próprio ditador — responde Nabir.

— Extremistas? — pergunta Amal.

— Sim, que enforcam ou chicoteiam você em praça pública se não pensar como eles pensam — explica Nabir.

— Viu, Emanuel? Deveria aprender a responder às perguntas como Nabir — diz Amal, esfregando os olhos com as mãos fechadas.

Mas Emanuel não diz nada, apenas ergue os olhos na direção dela, que percebe, pela primeira vez, quanto os olhos dele são azuis e mansos, de um azul bem escuro como o céu ou o mar e tão mansos quanto os pelos de um tigre que virou tapete. Amal também não diz nada, mas se sente abraçada por aquele olhar, tanto que precisa se segurar para que seu coração não caia sobre os próprios pés.

Os olhos de Emanuel estão assim porque ele está se lembrando de uma coisa. Dizem que quando nos lembramos de algo roda um filme em nossos olhos. Por isso eles brilham quando isso acontece; sua cor natural é realçada.

Na cabeça de Emanuel passam muitas coisas, algumas delas bem ruins. É que ele, Amal e Nabir são sírios, como muitos refugiados do campo.

Eles fugiram da Síria depois de o ditador do país atacar as pessoas que se manifestavam contra seu governo.

As tropas do exército atiraram em quem pedia liberdade e melhores condições de vida. Isso aumentou a revolta popular contra ele. Sua família está no poder há mais de quarenta anos, mas agora o povo se cansou e decidiu que o melhor é pô-lo para fora. Na tevê os repórteres chamam essas manifestações de “Primavera Árabe”. Emanuel achou esse nome bonito.

Só que, quanto mais revolta, mais força bruta. O bairro de Nabir, por exemplo, foi violentamente bombardeado e todos que sobreviveram escaparam de lá. Amal também teve de fugir com a família depois que as tropas do governo invadiram sua cidade atrás das brigadas rebeldes. Assim como Emanuel, que precisou abandonar sua casa. É disso que ele está se lembrando. Vem-lhe à memória a noite em que atravessou o deserto em um caminhão cheio de refugiados. Não consegue se esquecer do choro dos bebês, do rosto cansado dos homens, das mulheres amedrontadas apertando seus filhinhos contra o peito.

Nessa viagem descobriu quão grande é o deserto e quão comprido pode ser o vento, que

ali levava horas para tocar em alguma coisa. E, quando finalmente chegaram, todos do caminhão ainda tiveram de esperar vinte dias na fila para poder entrar no campo de refugiados que fica na Jordânia.

Lá, por causa do calor sufocante e do racionamento de água, as pessoas têm muita sede. Para despistá-la, algumas delas até colocam seixos debaixo da língua. Isso porque os mais velhos contam que o deserto já foi um rio e os seixos provam isso, já que são pedrinhas trazidas pela água — foi a corrente do rio que arredondou suas arestas. Todos suam muito também, por isso as moscas-varejeiras querem pousar o tempo todo no canto de seus olhos. Elas querem beber o suor, que confundem com água.

Emanuel também está se perguntando por que Amal insiste em implicar com ele, embora desconfie que seja pelo fato de suas famílias fazerem orações diferentes. Talvez seja até por causa de seu nome, Emanuel. Mas ele gosta dela. Os cabelos de Amal são tão vermelhos que lembram a cor da argila úmida. Além disso, ela tem pintinhas no rosto, como se o vento tivesse salpicado pólen em suas bochechas.

Já Nabir tem cabelos negros e ondulados, des-

ses que serviriam para dar laços em caixinha de música com a tampa quebrada. No entanto, seus olhos são tristes e raivosos, talvez por terem visto tantas mortes em bombardeios. Sua boca é rachada na parte de cima, o que os adultos chamam de “lábio leporino”. Mas não é por vergonha disso que ele quase não sorri — até porque ele não faz questão de esconder o “defeito” quando fica sério. Nas poucas vezes em que abre um sorriso, costuma passar as costas da mão na boca com expressão de nojo, como se limpasse dali uma teia viscosa, como se não tivesse mais o direito de ser feliz.

— Bom, já vou. Ainda tenho que ir até o poço buscar água para minha família — diz ele.

— Quer que eu vá junto? — pergunta Emanuel, com vontade sincera de ajudar.

— Como sabe, são dois quilômetros para ir e mais dois para voltar... — observa Nabir.

— Você também precisa pegar água, Emanuel? — indaga Amal, voltando a esfregar o rosto com as mãos fechadas.

— Não — responde ele.

Nabir não fala nada, apenas se despede e se afasta, seguido por Emanuel, as sandálias gastas dos dois fazendo barulho entre os pedregulhos.

Amal fica. Ela sempre fica.

Não consegue se afastar de Emanuel, mas ainda é incapaz de segui-lo. Então fica ali, como se fosse uma árvore que o campo de refugiados de repente ganhou, porque não há árvores por lá.

## ● 2

O CAMPO ESTÁ LOTADO. Emanuel, no alto da colina ao norte, vê a imensidão de pessoas do lado de fora. A fila é tão comprida que sua ponta final se confunde com o próprio horizonte até sumir de vista. Toda aquela gente espera pela chance de refúgio. Atrás das cercas de arame farpado, elas imploram para entrar. Estão desamparadas, indefesas, à mercê de um ataque das tropas rebeldes ou dos animais noturnos do deserto, que são muitos.

As mães (sempre elas) erguem os filhos pequenos, suplicando que, pelo menos, os deixem entrar. Em seus braços, os meninos parecem voar, balançando os bracinhos, que assim parecem asas quebradas. Elas só querem que eles possam viver, de preferência em um novo país, onde não temam ver seus futuros filhos morrerem antes deles. Isso aperta o peito de Emanuel até a garganta. Ainda de pé no alto da colina, ele experimenta essa sen-

sação gelada que começa no estômago, e não é de fome. A fome, ele a conhece. Foram apresentados um ao outro ali mesmo.

Dentro do campo, as pessoas também esperam. Aguardam ansiosas as portas do mundo se abrirem para recebê-las. Além do calor e da fome, da constante falta de energia elétrica e do racionamento de água, todos têm medo, vivem nervosos, estão cansados. Mesmo estando lá, temem um ataque, um bombardeio. No fundo, ninguém se sente seguro.

— Ouvi dizer que ontem mesmo pegaram um extremista doido misturado na fila. Ele queria entrar aqui com um montão de dinamite debaixo da camisa — diz Nabir, coçando o cotovelo esquerdo e, em seguida, cuspidno no chão de um jeito engraçado. É que quando o cuspe passa por entre seu lábio rachado forma um jato de chuveirinho.

Nabir está com fome, pois há três dias todos comem mal. Quando se tem fome, a boca produz muita saliva e Emanuel sabe disso. Aprendeu por experiência própria que água na boca é um aviso do corpo de que a comida já pode vir. No entanto, ela está demorando... Por isso Nabir cuspiu no chão depois de falar.

É possível que os caminhões com alimentos tenham sido atacados no caminho. Isso acontece vez ou outra... Quem sabe seja apenas um pneu furado. Na dúvida, Emanuel tira do bolso um pedaço de pão que, por sorte, tinha guardado, e o entrega a Nabir.

— Você não vai comer? Obrigado! Obrigado!  
— agradece ele, quase engolindo o pão em apenas duas dentadas.

Se não estivesse com tanta pena do amigo, Emanuel teria rido por causa do jeito que seu pomo de adão sobe e desce bem rápido enquanto ele engole. Parece uma bola de pingue-pongue quicando.

A ideia de subir a colina naquele final de tarde foi dele. Também foi ele quem fez as pipas. Usou jornal, pedaços de lençol, varetas de bambu, cola, tinta e os fios de lã que conseguiu aqui e ali. Agora as crianças se divertem com o vento ainda forte e cada vez menos quente.

Pipas em formato de hexágono, de estrela e de asterisco riscam o ar. Em cada uma delas Emanuel desenhou o contorno de um rosto. Depois disse que quem empinasse a pipa podia imaginá-la como sendo a própria pessoa tocando o céu. Todos se revezam, esperando sua vez.

— Emanuel e seu céu! Emanuel e seu céu! —

resmunga Amal, sentada em uma pedra alta e batendo na testa com a palma da mão aberta, como se tentasse convencer a si mesma da raiva que sente dele. — Céu, não. Mar! Mar! Imaginem! E esses troços voando agora são o quê? Barquinhos? Tonto! Tonto! — diz.

Emanuel, porém, não está nem aí para o que ela fala. Escuta, mas não liga. Prefere observar o campo lá embaixo. Ele gosta da colina. De lá consegue ver os barracões onde todos tentam levar a vida. Quando venta forte, as lonas que em vários deles servem de teto balançam bastante, espalhando poeira para todos os lados, igual a um cão se livrando da água para ficar seco depois de um bom banho. Há muita poeira no deserto.

“O deserto parece uma casa abandonada que ficou trancada por dez anos; a poeira é o cochiço do vento”, pensa ele.

Enquanto reflete sobre isso, não imagina que bem lá embaixo, no campo, um velho observa as pipas tocarem o céu. Enquanto as olha, enrola as pontas do bigode com os dedos, pensativo.

O céu, aliás, está bem bonito. É que perto do anoitecer ele vai avermelhando, avermelhando, até se igualar à cor de um fogo morno, alimentado por lenha verde. Depois disso tudo fica muito



escuro, mas ainda demora para a noite cair no deserto.

— Tentei mostrar para ele que o céu não é o mar, mas ele me ouviu? Emanuel me ouviu? Não! Então é minha sina que ele não me ouça. Não posso fazer mais do que já fiz... — continua reclamando Amal.

Ainda sentada na pedra alta, seus pés balançam no ar sem tocar o chão.

— Por que você não deixa Emanuel em paz?  
— pergunta finalmente Nabir.

— Quem?

— Você. Emanuel diverte a gente, ajuda com a água, faz pipa para todos brincarem, me deu um pedaço de pão e...

— Mas e o céu?

— O que tem o céu, Amal?

— Olhe lá. É um mar por acaso?

— Talvez seja.

— Talvez? Você... Ah, tudo bem, ele te deu pão, né? Eu não me importo mesmo — diz Amal, saltando da pedra. — Vou embora, então.

Mas Amal fica. Todos já sabem que ela sempre fica, por isso nem lhe dão ouvidos.

Nesse momento, Emanuel avista um velho subindo a colina com a ajuda de um cajado. Ele

não sabe disso, mas é o mesmo velho que, lá embaixo, admirava suas pipas, enrolando o crespo bigode.

O velho sobe tão lentamente que parece nem se mexer. Enquanto anda, bate o cajado no chão, como se procurasse água entre as pedras. Ao chegar mais próximo, Emanuel percebe que metade de seus cabelos é branca, e a outra, preta, dando a impressão de só ter envelhecido do lado que arrasta a perna. O mesmo acontece com seu bigode. A diferença é que sua ponta branca está do lado preto dos cabelos, e a preta, do lado branco. Isso confunde Emanuel um pouco.

— Eu venho em paz, crianças, não se preocupem — brinca o velho, encostando o cajado na pedra alta onde Amal estava sentada. Em seguida, coloca as duas mãos nas costas e se inclina um pouco para trás. Parece alguém se espreguiçando, um caule dobrando por causa do vento. Seus ossos chegam a estalar.

Amal corre até ele. Em seguida, pergunta, apontando para o céu:

— O que o senhor acha que é?

— O quê, filha? Desculpe.

— Lá em cima: é um céu ou um mar? Sim, porque esse menino aí...

— Emanuel — corrige o velho.

Todos se espantam com o fato de ele saber seu nome, já que o campo é enorme e está lotado de gente.

— O senhor me conhece?

— E quem não conhece o bom Emanuel? — pergunta de volta o velho.

— O bom Emanuel! O bom Emanuel! — resmunga Amal, as duas mãozinhas segurando a cabeça para lá e para cá, como se estivesse doida ou bamba, e então torna a se sentar na mesma pedra de antes.

— Eu estava admirando suas pipas lá de baixo, menino Emanuel — diz o velho.

— Obrigado.

— Foi você quem as fez?

— Sim, senhor — responde Emanuel, sorrindo ao sentir o vento morno, quase frio, despentear seus cabelos. Em seguida, pergunta: — Como o senhor se chama?

— Meu nome é Nair.

Emanuel sorri novamente. Lembra-se de que em sua escola havia um fogão desativado onde um gato decidiu morar. É que os gatos gostam de conforto, e a cinza fria é bem confortável para dormir. Só que o bichano saía de lá para caçar lagartixas

todo sujo de cinzas. Os alunos morriam de rir e o chamavam de “Nair”, porque ele saía do forno prateado, brilhando como uma estrela, todo luminoso (que é o que significa esse nome em árabe).

— Mas, como eu ia dizendo, são pipas bonitas, bem coloridas... — elogia o velho.

Emanuel agradece, mas de súbito sente uns arrepios na nuca, como se percebesse algo errado.

— São pipas muito bonitas mesmo, e Emanuel fez tudo sozinho, com as próprias mãos — intromete-se Nabir.

— Muito bem, muito bem. E onde Emanuel conseguiu as tintas para pintá-las? — pergunta Nair.

— Por aí — responde Emanuel.

— Por aí, claro. Mas vamos lá: alguém aqui sabe me dizer em que país a pipa foi inventada? — indaga o velho, fazendo um sinal para Emanuel.

Ele entende como um pedido para que todos se aproximem e então chama os meninos com as pipas para que venham escutar. Mas eles continuam entretidos, brincando. Só os que aguardam sua vez para empiná-las é que se aproximam. Já Amal continua onde está, ouvindo tudo de longe.

— Muito bem, então... A pipa foi inventada

na China há mais de três mil anos — explica Nair, apontando para as pipas no céu com o dedo enrugado.

Emanuel agora se arrepia todo, da nuca até as tampinhas dos dedos dos pés.

O velho continua:

— E alguém aqui sabe responder para que os chineses inventaram a pipa?

Kalil, um dos meninos que esperavam a vez para brincar, levanta a mão. Ele tem os olhos limpos e chorosos, bem parecidos com os de um cão escorraçado. O rosto é rechonchudo, e as orelhas, tão separadas da cabeça que, quando venta forte, elas batem igualzinho a janelas abertas.

— Pode falar, filho — diz afetuosamente Nair.

— Emanuel disse que...

— Não estamos falando de Emanuel agora, e sim dos chineses — o velho corta Kalil.

— Ah, dos chineses eu não sei nada.

Ao ouvir isso, Nair começa a gargalhar alto, de olhos fechados e batendo palmas. Parece um doido achando graça em algo que ninguém mais consegue achar.

Ainda um pouco afastada de todos, Amal agora nem se mexe. Olha para Emanuel como se não acontecesse nada, embora estivesse acontecendo

alguma coisa. E Emanuel sabe que, às vezes, mesmo que as pessoas não se mexam, por dentro estão andando quilômetros e mais quilômetros.

— Meu bom Kalil, meu bom Kalil — sussurra o velho, enxugando as lágrimas dos olhos com a manga da camisa, porque algumas pessoas choram de tanto rir.

— Ué, então o senhor conhece Kalil também?  
— pergunta Amal de longe, desconfiada.

— O bom Kalil? Acho que não.

— Mas sabia o nome dele, assim como o de Emanuel — afirma Amal, esfregando os olhos com as mãos fechadas.

— Acho que ouvi vocês chamarem.

— Sei — resmunga Amal e se cala.

Então Nair continua:

— Muito bem. Os chineses inventaram a pipa durante as guerras imperiais. Eles as empinavam no céu para que os soldados pudessem se comunicar, a distância. Alguém sabe como eles se comunicavam?

Ninguém levanta a mão.

Nesse caso, o próprio velho responde:

— Com os movimentos e as cores das pipas, que podiam indicar a localização das tropas, pessoas em perigo e assim por diante.

Basta ouvir isso para Emanuel correr até os meninos brincando no céu e pedir que parem. É quando Amal desce da pedra sacudindo as mãos como se elas estivessem formigando. Já Nabir olha em silêncio para o chão, e Kalil abre bem os olhos limpos e chorosos, tão arregalados que parecem abertos debaixo d'água.

Quando Emanuel volta com as pipas, vê o velho Nair sentado na pedra alta, onde Amal estava antes. Os outros meninos correm atrás dele e logo a colina fica assim: um velho sentado na pedra e, ao redor dele, umas doze crianças, além de Emanuel.

Agora Nair parece um daqueles contadores de histórias de antigamente.

Então fala bem alto:

— Quem aqui acha que a brincadeira de Emanuel não foi muito prudente levante a mão!

Ninguém levanta, ou por medo, ou por não saber bem o significado da palavra “prudente”.

O velho permanece sentado, em silêncio, enterando uma ponta do cajado e apoiando o queixo na outra. Amal abana tanto as mãos que parece querer voar, as sacode e depois assopra os dedos.

— A culpa foi toda minha, eles nem sabiam que iam brincar de pipa quando subiram a colina — diz Emanuel, de repente.

— Você colocou todo o campo em perigo, meu bom Emanuel — responde o velho.

— Eu...

— Tem muita gente lá fora querendo nos fazer mal. E se estivessem próximos daqui, avistassem as pipas e achassem que a gente estava passando algum tipo de mensagem, como os chineses faziam? — pergunta Nair, franzindo as sobrancelhas até se tocarem, formando um segundo bigode no rosto.

— Só queria que eles se divertissem um pouco... — sussurra Emanuel.

— Claro que sim, claro que sim. Sei que sua intenção foi boa e o bom Deus também sabe, pois Deus conhece o coração de cada um de nós. O problema são os homens, Emanuel, os homens. Porque vivemos entre homens e não com Deus, não é mesmo?

Emanuel não responde. Então o velho Nair prossegue:

— Mas não se preocupe. Se a administração do campo ficar sabendo, vou defender você pessoalmente, diante de seja lá quem for. Vou dizer que tudo foi um mal-entendido. Agora pode, por favor, me passar as pipas?

E Emanuel as entrega ao velho sem pensar duas vezes.

— É sorte que em tempos como o nosso exista um problema fácil como esse para resolver, não? — brinca Nair, descendo da pedra sem muita dificuldade.

Em seguida, pega seu cajado em uma das mãos e, na outra, as cinco pipas de Emanuel e vai embora, arrastando a perna. As crianças permanecem na colina ainda uns bons dez minutos, paradas, sem dizer uma palavra, até o velho se afastar o suficiente.

É que ninguém tem certeza se ele falava a sério ou estava brincando, se aquilo tudo tinha sido uma gozação ou uma ameaça; afinal, ninguém ali sabia nada dos chineses. Emanuel, por exemplo, nem sequer imaginava que eles empinavam pipas ou como conseguiam enxergar tão longe com aqueles olhos puxados.

Além disso, muitos ali estão com fome, e, nesse estado, as pessoas confundem as coisas com a barriga vazia. Menos Amal.

Os meninos então começam a descer a colina em silêncio e Amal fica. Seus olhos estão fixos em Emanuel. Quando o perde de vista, volta-se para o céu, tentando entender o que se passa dentro dela. Só então percebe que o céu está saindo do vermelho cada vez mais depressa. Logo será

noite. E as noites no deserto são bem, bem frias, porque tudo fica muito escuro e a escuridão é sempre gelada.

Aperta o próprio peito com um abraço e sente uns arrepios no coração, como se tivesse febre ou uma aranha peluda e costureira o tivesse envolvido em uma teia de gelo.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

### ● 3

NEM BEM AMANHECEU, a comida chegou e ninguém mais parecia ligar para o que tinha acontecido na colina. Poder se alimentar animou todo mundo. Foi só passar a noite fingindo que ninguém estava com fome para a comida aparecer no dia seguinte.

É assim que as crianças passam a perna nessas coisas. Mas, quando se é bem pequeno, não há como fingir. Os bebês não têm idade suficiente para pensar em saídas desse tipo. Quando estão famintos, choram até não poder mais e, de tanto chorar, vão perdendo a voz, como se ela sumisse dentro de um funil enferrujado.

No entanto, o importante agora era que a comida havia chegado. Depois alguém explicou que tinha sido mesmo um pneu furado, daí o atraso. Menos mal. Os caminhões entraram no campo em direção ao único mercado que havia por lá —

na verdade, um grande galpão improvisado. Era ali que os alimentos eram descarregados e então distribuídos entre as famílias.

A meninada correu atrás dos veículos gritando, sorrindo, acenando, ao lado das mães de lenço na cabeça, que batiam panelas vazias, fazendo muito barulho. Só os velhos e os homens não corriam — não era trabalho para eles. Alguns até aproveitavam o movimento do local para trocar ou vender coisas: cortes de tecido, colares, sandálias, papel, perfumes. Tinha sido lá que Emanuel conseguira alguns materiais para fazer as pipas.

Os caminhões levantavam uma poeira danada quando passavam, sem falar na fumaça que saía dos escapamentos. Os meninos entravam e saíam da nuvem de pó grossa e ficavam tão cinzentos quanto os astronautas voltando de uma praia lunar.

Acinzentado daquele jeito e com a boca rachada, Nabir parecia uma lagartixa, dessas que moram na cozinha e se assustam quando a gente acende a luz. Ao ver o amigo daquele jeito, Emanuel riu. O dia estava tão quente que seu suor pingava pelos cotovelos pontudos. Tão quente que as crianças menores andavam atrás das maiores para aproveitar a sombra delas.

— Vamos correr, Emanuel! Vamos logo! — gritava Nabir, feliz da vida.

Porém ele não corria. Preferia ver a alegria dos outros sem participar dela. Seria mesmo por isso? Talvez não quisesse se sujar ou, quem sabe, estivesse com a cabeça em outro lugar, pensando ou incomodado com algo, além da fome. O que poderia ser? Essa coisa tinha nome?

Sim, porque, se fosse só para evitar se sujar, não adiantou muito. Bastou passar o último caminhão da fila para uma nuvem de poeira vir do nada e o engolir sem mais nem menos, como uma grande onda do mar.

Ao ver o amigo sumir daquele jeito, Nabir sentiu algo ruim bem dentro da barriga. Era como se não fosse vê-lo nunca mais.

— Emanuel! Emanuel! — gritou.

Mas não veio resposta.

É que ele pensava em Amal, vinha pensando nela desde a noite anterior. Difícil dizer por quantos segundos Emanuel ficou ali engolido, mas cada um deles lhe pareceu uma hora, uma fração de tempo em que não via nada além da amiga, a poeira envolvendo os dois como um gás engraçado ou até mesmo como uma nuvem. Amal estava tão dentro dos pensamentos de Emanuel que ele

podia jurar que a via ali em meio àquele pó todo, junto dele, soprando bolhas azuis de sabão, os cabelos vermelhos bem soltos no ar.

No entanto, ela lhe parecia triste, dava a impressão de ranger os dentes cada vez que soprava o sabão. Com o coração apertado, Emanuel lhe perguntou o que tinha acontecido, ao que Amal sussurrou uma frase dentro de uma bolha que seguiu flutuando em direção a ele. Era preciso estourá-la para ouvir o que dizia.

Então, o menino estourou a bolha com a ponta do nariz e...

... Nabir começou a chorar, e isso desconcentrou Emanuel.

Num pulo, ele saiu da nuvem que já se dissipava e foi socorrer o chorão. Deparou com Nabir de olhos arregalados, tão fundos quanto o fundo de um poço sem água.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Você não está sujo de pó, nem um pouco — respondeu Nabir.

— Estou, sim.

— Não está, não!

— Você viu a Amal hoje? — desconversou Emanuel.

— Não, mas vamos logo, vamos correr.

Emanuel então se pôs a correr só para agradar Nabir, mas corria pensando em Amal, desejando que ela estivesse ali com eles, embora desconfiasse que a amiga não estaria correndo com todos, e sim emburrada em algum lugar, reclamando de uma bobagem qualquer.

Assim que chegaram ao mercado, deram com os caminhões sendo descarregados pelos voluntários de organizações e entidades humanitárias. Eles vestiam coletes e conversavam em uma língua que Emanuel desconhecia, mas pareciam falar de coisas divertidas, pois vez ou outra riam bastante, dando tapinhas nas costas uns dos outros. Com certeza já tinham tomado café... Depois que as sacas fossem todas descarregadas, o responsável pelo campo ainda teria de conferir as notas e só então fariam a divisão dos alimentos entre as famílias. Isso levaria bastante tempo. Mas todos continuariam ali, esperando a hora de poder levar sua parte para os barracões. Não tinham outra escolha.

Para adiantar o almoço, algumas mães mandavam os filhos buscar água no único poço do campo, assim, quando voltassem para o barracão com a comida, já poderiam cozinhar no fogão a lenha que improvisavam cavando um buraco no

chão. A mãe de Emanuel, Hosana, pediu ao filho que fizesse o mesmo. Ele a avistou ali, entre as batedoras de panela. Como as outras, ela cobria a cabeça com um lenço e também estava contente. Os alimentos que chegavam eram a garantia de sobrevivência para mais alguns dias. Quem sabe o tempo suficiente para conseguirem autorização para viver em algum outro país, do outro lado do mar...

Então Emanuel seguiu com Nabir para o poço. Só que ele não pensava na comida, e sim em Amal, na possibilidade de encontrá-la por lá, pegando água com as demais crianças. E também em sua mãe e em todas as incansáveis mães do campo, cujos cansaço e medo marcavam suas fisionomias. Porque elas quase não dormiam. Passavam as noites acordadas, esmagando escorpiões com uma vara para proteger os filhos menores. De algum modo, Emanuel enxergava essa mesma força no rosto enfezado de Amal.

Ao longo do caminho, perguntou pela amiga a todos que conhecia. Estranho que ninguém a tivesse visto, ainda mais em um dia como aquele, com os alimentos chegando e tudo o mais. Onde estaria Amal?

Emanuel coçava a cabeça, tentando pensar.

Enquanto esperava sua vez na fila do poço, observava aqueles meninos e meninas magrinhos tentando carregar a água debaixo do sol quente (de dez a vinte litros!). As costas deles curvavam como caracóis, alguns com os ombros encolhidos, outros largando os galões ou os garrafões a cada dez passos, para trocar de mão e descansar. Se também não tivesse de levar água para sua casa, ele se ofereceria para ajudar.

Pensava nisso quando sentiu uma mão pesada sobre o ombro.

— Ora, ora, se não é o menino que gosta de olhar o céu!

Virou-se e deu com um homem de cabeça pequena e narigão espetado bem no meio dela. Já o tinha visto andando pelo campo, uma vez até o ajudara a carregar água para a família.

Sim, Emanuel se lembrou dele: tinha duas filhas cegas e uma mulher muda e bem gorda, quase da largura de um ônibus. Além disso, o homem era vesgo, como se seu narigão fosse um ímã e seus olhos, pesados demais, se sentissem atraídos por suas fuças suadas.

— Não vai me dizer olá? Que feio! Não é nada educado ficar encarando o defeito dos outros.

Na verdade, Emanuel não encarava os olhos

vesgos de Omar (era esse o nome dele), os quais até apreciava. Estava era com medo de que estivesse falando das pipas quando se referiu a ele como “o menino que gosta de olhar o céu”.

“Mas como ele poderia saber das pipas então?”, perguntava-se.

Parecia que Omar podia ler seus pensamentos, pois disse em seguida:

— Ah, não, não, imagine! Não estava falando das pipas na colina, não se preocupe. Aliás, eu também as vi ontem, de longe. Muito bem-feitas. Na verdade, temos uma paixão em comum.

— Qual? — perguntou Emanuel, tentando agora desviar a atenção dos olhos tortos de Omar.

— Como qual? O céu! O céu! Sabe, Emanuel... Não é esse seu nome?

— Sim, senhor.

— Bonito nome, concorda comigo? Pois bem. Sabe, Emanuel, eu durmo pouco, e não dormir fez de mim um homem culto. Claro que o fato de minha mulher não poder falar ajudou bastante.

Emanuel riu, mas não demais, porque seria falta de educação.

Omar continuou:

— Pois é assim: eu leio e estudo muito. Isso me fez saber de coisas que só eu sei, entende?

— Acho que não, senhor.

— Então escute: não quero estragar a surpresa. Vá à minha casa mais tarde, quero lhe mostrar uma coisa. Uma coisa sobre o céu. Mas tem que ser hoje, nós não temos muito tempo.

— O que tem o céu? — indagou Emanuel.

— O que tem o céu?

— Sim.

— Se está tão curioso, não deixará de ir — respondeu Omar, já se afastando.

De súbito, parou, como se tivesse se esquecido de algo. Deu meia-volta e disse:

— Você nem perguntou o número da minha casa...

Emanuel sabia que, quando Omar falava “casa”, se referia ao “barracão”, e “número”, à numeração pintada na porta de alumínio da frente para facilitar a organização do campo.

— Oitenta e três — completou ele. — Em seu lugar, eu iria... Ah, e soube que você está procurando sua amiga. Não é aquela menininha ruiva que anda sempre com você?

— Sim! O senhor a viu?

— Hoje bem cedo. Ela estava indo em direção à administração do campo.

— Administração? — perguntou Emanuel, aflito.

— Sim, sim. Até mais tarde — despediu-se Omar, deixando para trás um Emanuel bem, bem preocupado.

## ● 4

EMANUEL ENFIM ENCHEU O GALÃO dele e saiu andando o mais rápido que podia. Estava com muita pressa.

Ao lado do poço, um guarda bem alto controlava a quantidade que cada um levava. Ele ficava de pé, ao lado da torneira, batendo com uma vareta na mão no cano longo das botas de borracha e esticando o pescoço igual a uma tartaruga que sai do casco em direção ao sol.

Todo mundo notava nele um sorriso feio de satisfação, desenhado em meio aos dentes tortos e mal escovados. Se algum menino tentasse beber água na torneira, além da quantidade que levava, ele batia com a vareta em sua mão. Depois voltava a sorrir, mas às vezes não. Desse jeito ficava difícil saber se estava brincando. Como para os guardas nada era racionado, eles deviam achar graça que fosse assim para os outros, pensava Emanuel.

A administração do campo ficava ao lado do alojamento deles. “O que Amal teria ido fazer nesses lados?”, perguntava-se Emanuel, acelerando o passo sem olhar o chão para que a luz do sol não cegasse seus olhos naquele instante. Não era hora para brincadeiras.

Nabir ia atrás dele, mas logo perdeu o amigo de vista. Isso porque, além de ser mais novo, tinha as pernas bem curtinhas, mais curtas que as pernas de uma escada de mão. Ele correu como pôde, gritando para Emanuel esperar por ele, mas não havia tempo a perder. Amal podia estar correndo perigo. Por fim Nabir desistiu, choramingando. Colocou os dois garraões no chão, relaxou os braços e ficou olhando o amigo se afastar.

Emanuel ainda percorreu um tanto até o barracão de sua família. Lá chegando, depositou o galão na frente da porta e respirou fundo, tão fundo que parecia que não tinha respirado até então. Suas costelas até se tocaram quando puxou o ar. Tomado fôlego, chamou pelo pai. Estranhou quando uma das duas irmãs disse que ele não estava em casa. Não tinha jeito, seria obrigado a levar o pesado galão para dentro.

— Eta, vida! — suspirou, depois de limpar o suor da testa com as costas da mão.

Lá dentro, viu a irmã mais velha deitada em uma esteira de vime sobre as pedras. Grávida de seis meses, ela segurava a barriga com as duas mãos, talvez sentisse dores. Emanuel queria ajudar, mas havia Amal...

— Preciso resolver uma coisa rapidinho e já volto! — disse, todo esbaforido, antes de sair correndo meio estabonado, do mesmo jeito que tinha entrado.

Enquanto corria, pensava na irmã grávida. Seu marido morrera em um bombardeio e eles ainda nem tinham completado dois meses de casados... Ela só havia descoberto a gravidez quando já estavam no campo, o que deixara o pai deles bem preocupado. Youssef, esse era seu nome, tinha medo de que o neto, nascido em um campo de refugiados, fosse uma criança condenada a ser, para sempre, alguém sem lugar nem descanso.

Por isso, a tristeza e a preocupação do avô cresciam com a barriga da filha. Não por acaso, ultimamente ele vinha falando muito de ir embora pelo mar, assim como o pai de Nabir, ainda que Youssef não tivesse dito nada sobre ir nadando. Não.

Talvez fosse por essas coisas que Emanuel quase nunca parasse em casa e preferisse viver pelo campo fazendo graça, divertindo as pessoas.

Quem sabe fosse por não suportar mais ouvir o pai se lamentar pelos cantos, arrastando suas sandálias furadas nas pedras.

Enquanto corria, Emanuel pensava nisso tudo e também em Amal, em como queria ter ouvido aquele recado que ela lhe mandara na bolha azul de sabão. Ele não sabia bem por que queria tanto ouvir as palavras da amiga, nem por que as crianças precisam passar por um monte de coisas difíceis na vida até crescerem e se tornarem adultos. Ele não sabia de muitas coisas, e havia outras tantas que nem sequer imaginava...

— Cristo! Como é difícil correr e pensar ao mesmo tempo! — exclamou, nervoso.

Parou de correr, juntou as mãos sobre o rosto e começou a chorar. Segurava-o como se segurasse o peso da cabeça suada. O choro estava dentro dele fazia tempo. Chorava de cansaço e de medo, e às vezes o medo e o cansaço podem ser confundidos com tristeza, ainda mais por uma criança.

Quando ergueu os olhos, deu-se conta de que já estava diante da administração do campo. Era uma grande tenda de lona cinza, cuja entrada era apenas uma cortina de seda balançando ao vento. E ventava bastante naquele dia, um ar tão quen-

te que parecia soprado diretamente das ventas de um dragão raivoso.

Emanuel enxugou as lágrimas na manga da camisa suja e entrou na tenda, com medo do que encontraria lá dentro. E, de fato, era assustador.

Três guardas sentados à mesa, bem sérios, cada um deles com uma toalhinha branca pendurada no pescoço, tão parecidos entre si que Emanuel até pensou que fossem trigêmeos. Diante da mesa estava Youssef, em pé e com as mãos para trás, olhando para o chão, em posição de quem acabara de responder a muitas perguntas. Emanuel ficou gelado.

— Ora, ora! Vejam só quem acaba de chegar — exclamou o primeiro guarda.

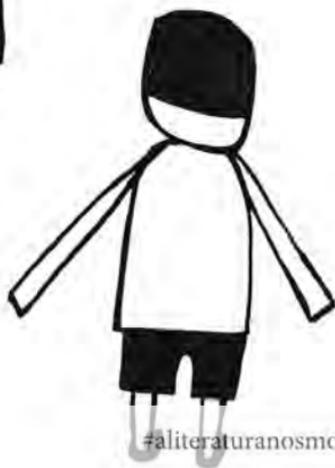
— Se não é o Emanuel. Emanuel, não: o bom Emanuel! — completou o segundo.

E os três começaram a rir. Foi quando Youssef descolou os olhos do chão e voltou-se para o filho, cheio de doçura, tristeza e piedade.

O terceiro guarda fez sinal para que Emanuel se aproximasse.

— Estávamos falando agora mesmo de você. Que coincidência, não? — disse ele, enquanto Emanuel se punha ao lado do pai.

— Uma coincidência daquelas — comentou o segundo guarda, tirando a toalhinha do pescoço



para enxugar o rosto, gesto imitado pelos outros dois.

Emanuel até achou engraçado todos enxugarem o rosto ao mesmo tempo, mas não gostou do tom de voz de nenhum deles.

Em seguida, o primeiro guarda disse a Youssef:

— O senhor conhece esse menino?

— Sim, é Emanuel — respondeu, colocando a mão sobre o ombro do filho.

— O senhor é o pai dele, do bom Emanuel?

— perguntou o segundo guarda.

— Sou o responsável por ele.

— E isso quer dizer o quê? — indagou o terceiro, tossindo em seguida, o que levou os outros dois a tossir juntos, como se os três fossem reflexos dentro de um mesmo espelho.

— Quer dizer que ele veio ao mundo e eu sou o responsável por ele — disse Youssef com um tom de voz meio monótono.

Foi quando Emanuel cogitou que talvez essas mesmas perguntas tivessem sido feitas antes de ele chegar e que agora eram repetidas por brincadeira ou pura maldade.

— Ah, sim, claro! Já conhecemos essa história — falou o primeiro guarda, arrancando risadas dos outros dois.

Emanuel estava confuso e com medo, mas ainda assim conseguiu reunir forças dentro dele para perguntar:

— Onde está Amal? O que fizeram com ela?

A pergunta fez os três guardas gargalharem. Até Emanuel estranhou o próprio tom de voz, como se outra pessoa tivesse perguntado aquilo, não ele.

— Espere um pouco: quem é Amal? — indagou o segundo guarda.

De repente os três ficaram sérios.

— É a garota... — sussurrou o terceiro.

Emanuel notou que por debaixo da mesa ele pisava no pé do segundo guarda.

— Sim, sim, a garota, claro. A ruivinha com quem Emanuel anda para lá e para cá pelo campo.

— Para lá e para cá, para lá e para cá — brincou o terceiro guarda.

— Sim. Com ela e com Nabir, aquele lá, eca! — disse o primeiro, fazendo uma expressão de nojo depois de apontar para o lábio superior.

— Sim, eca! — concordou o segundo.

— Eca! — completou o terceiro.

Emanuel não gostou nem um pouco da brincadeira e seu pai percebeu isso, tanto que apertou suavemente o ombro do filho, que entendeu o gesto como um pedido para se controlar.

— E o menino quer saber o que mesmo? —  
disparou o segundo guarda.

— Onde está Amal — respondeu o terceiro.

— Ah, sim! Amal! Amal! Onde está Amal!  
— gritou o segundo, com as mãos na cabeça.

— Sim! Amal! Amal! — exclamou o terceiro,  
também com as mãos na cabeça.

— Amal! Amal! — repetiu o primeiro.

Ali de pé, junto ao pai, Emanuel sentiu vergonha por aqueles homens, a vergonha que eles deveriam sentir por brincarem com coisas tão sérias. Foi quando Youssef se abaixou e cochichou em seu ouvido:

— Quando a aranha está com o inseto na teia, não está ali para dançar.

— Opa, opa, estão falando do que aí? — perguntou o segundo guarda.

— Só estava pedindo que meu filho ficasse calmo — respondeu Youssef.

— Claro. Então, calma! Vamos contar onde está Amal — disse o terceiro.

— Não é necessário — falou Youssef.

— Claro que não, mas a gente quer falar assim mesmo — retrucou o primeiro.

— Sim. Ela esteve aqui, mas já foi para casa — afirmou o segundo.

— E ela nos contou tudo, tudinho. Amal entregou você, Emanuel — completou o terceiro.

— Tudo o quê? — perguntou Emanuel.

— Tudo o que aconteceu na colina. Falou sobre as pipas, tudo — respondeu o primeiro.

— Aquilo não foi nada bom, menino — declarou o segundo.

— Precisamos manter a segurança e a ordem do local — acrescentou o terceiro.

— Mas eu...

Emanuel tentou falar, mas o primeiro guarda o cortou no meio da frase:

— Sabia que no seu país, a Síria, os cristãos, pelo menos a maioria deles, apoiam o ditador? — disse o segundo guarda.

Mas Emanuel não respondeu, até porque não entendia bem dessas coisas e estava muito triste, sentindo uma pontada fria no coração, por imaginar que Amal...

— Além disso, seu pai aqui... — recomeçou o terceiro guarda.

— Ou responsável... — continuou o primeiro.

— Sim. Temos fotos dele aqui, em manifestações de apoio ao ditador — completou o segundo, apontando para uma pasta que só então Emanuel percebeu estar em cima da mesa o tempo todo.

— De modo que queremos perguntar a você: de quem foi a ideia de empinar as pipas? — perguntou o terceiro.

— Minha, só minha — respondeu Emanuel, com uma coragem que nem ele mesmo sabia ter. Uma coragem que talvez se confundisse com decepção, dessas que deixam as pessoas sem mais nada a perder.

— Tem certeza de que a ideia não foi do seu pai aí? — indagou o primeiro guarda, apontando o queixo na direção de Youssef.

— Não foi ideia dele — declarou Emanuel, seco. Youssef encheu o peito de orgulho.

— Pois bem — recomeçou o segundo guarda.

— Muito bem — continuou o terceiro.

— O bom Emanuel! O bom Emanuel! — completou o primeiro.

Nessa hora, Youssef segurou a mão do filho, como se os dois fossem ouvir uma sentença. Afinal, ele já tinha explicado aos guardas que aquelas fotos eram de sua juventude, de uma época em que acreditava nas pessoas.

E parecia mesmo que uma sentença ia ser anunciada, pois os três guardas levantaram ao mesmo tempo da mesa e começaram a cochichar entre si. Faziam um ruído engraçado. Pareciam três rati-

nhos conspirando enquanto cavam um túnel dentro de um pacote de pão de forma fechado.

Se não estivesse tão abalado, Emanuel até conseguiria rir. É que eles pareciam dançar, um puxando o outro para perto de si ou dando a volta para ouvir o que o colega estava dizendo. Eram tão parecidos que quando voltaram para a mesa Emanuel já não sabia mais quem era o primeiro, o segundo e o terceiro.

Então um deles disse:

— Vocês têm três dias para deixar o campo.

— E sua família também.

— Todos vocês.

— Porque colocaram em risco nossa segurança — falou o primeiro, enxugando a testa com a toalha.

— A segurança de todos nós — concluiu o segundo, também enxugando a testa.

— Se foi por estupidez ou traição, não temos como saber — ponderou o terceiro, passando a toalha nos cabelos.

— Agora podem ir — anunciou o primeiro.

— E para aonde nós iremos? — perguntou Youssef.

— ISSO NÃO É PROBLEMA NOSSO — responderam os três ao mesmo tempo.

Youssef e Emanuel foram então liberados. Deixaram a tenda, mas permaneceram parados diante dela por um tempo. Quem viu os dois ali podia jurar que não sabiam para onde ir. Quem os viu parados ali estranhou.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

## ● 5

AQUELE FOI UM DIA mais ou menos feliz, porque as pessoas tinham o que comer. As famílias voltaram para casa com alimentos e tinham água para cozinhar. De barriga cheia é mais fácil renovar a esperança por dias melhores. Todos sorriam, pois era o melhor a fazer.

Youssef já tinha dado a notícia à família. Estava preocupado, mas não infeliz. Fazia tempo que queria deixar o campo, principalmente por causa da filha grávida. No entanto, agora era diferente, porque lhe deram um prazo para ir embora e ele ainda não sabia o que fazer.

Hosana preparou o almoço e todos comeram bem, mas em silêncio. Parecia que, se falassem, iam dar chance para a comida fugir, então só abriam a boca para abocanhar cada colherada. Chegava a ser engraçado. As irmãs de Emanuel raspavam o prato de alumínio com a colher e o

barulho fez o braço dele arrepiar. Ele próprio lambeu o prato.

— Emanuel, meu macaquinho mal-educado!

— sussurrou a mãe, passando a mão com leveza pelos cabelos louros do filho.

Ele esboçou um sorriso.

— A quem será que você puxou esses cabelos lindos, hein? — perguntou ela, enrolando o polegar nos cabelos de Emanuel como se estivesse separando os gomos de uma laranja.

Youssef ergueu os olhos na direção dele, dois olhos belos e tristes, cheios de compaixão, e disse:

— Não se preocupe, filho, ficaremos bem. Com você lambendo o prato desse jeito, vamos economizar bastante água e teremos o que beber até partirmos.

Todos caíram na gargalhada, até Emanuel. Mas sua risada saiu bem fina, um pouco desgostosa, como o uivo de um cão que imita o de outro que se perdeu do dono.

Ele não estava assim porque ia embora, pois no fundo sempre soube que um dia isso aconteceria. Sofria por causa de Amal, por não saber se ela o traía ou não. Tinha quase certeza de que a amiga não faria uma coisa dessas, imagine, mas se perguntava se essa “quase certeza” não era apenas

fruto do desejo dele. Seria muito difícil suportar se aquilo fosse verdade.

Claro que também estava preocupado. Não sabia se ele e a família conseguiriam atravessar o deserto e, se fossem bem-sucedidos, se a travessia pelo mar daria certo e, em caso positivo, se seriam aceitos no novo país que ficava na outra ponta e, diziam, começava em uma praia bem bonita.

No fundo, a mãe também se afligia com tudo isso, assim como as irmãs. Se ninguém falava sobre o assunto e se rendia às gargalhadas, era porque não falar dos problemas talvez fizesse desaparecê-los por um momento. Além do mais, todos confiavam no homem da família; perguntar qualquer coisa a Youssef seria sinal de falta de confiança.

Tantos pensamentos deixaram Emanuel inquieto. Lembrou-se então do convite feito por Omar mais cedo para que fosse à sua casa ver algo que ele queria mostrar-lhe.

“O melhor para mim é sair um pouco”, pensou.

E foi exatamente o que fez tão logo o pai autorizou sua saída.

— Mas nada de empinar pipas por aí! — ainda conseguiu brincar Youssef.

Mal colocou o pé para fora, Emanuel deu de cara com Nabir e Kalil parados na frente do bar-

ração, com cara de assustados. Só pela expressão no rosto deles, soube que a história da expulsão de sua família já havia se espalhado pelo campo.

— O que vou fazer sem meu bom amigo? — lamentou Nabir, os olhos cheios de uma remela que quase colava os cílios.

Isso queria dizer que ele já tinha chorado muito, pois a remela que fica nos olhos da gente é o que sobra depois que as lágrimas acabam.

— Como vocês ficaram sabendo? — perguntou Emanuel, colocando a mão no ombro do pobre Nabir.

— Os guardas... Eles estão contando a todo mundo para servir de exemplo e botar medo na gente — respondeu Kalil, torcendo as orelhas com as duas mãos, como se quisesse sentir uma dor mais fácil de suportar.

— Isso mesmo, principalmente aqueles três doidos — lamuriou Nabir, acariciando a mão de Emanuel sobre seu ombro.

— Não fiquem assim. A gente sabia que, mais dia, menos dia, alguém iria embora primeiro — disse Emanuel.

— Mas não assim, não desse jeito, não tão rápido... — choramingou Nabir e logo perguntou: — Vocês vão pelo mar?

— Ainda não sei.

— Precisam ir por ele, não tem outro jeito. Meu pai diz que as fronteiras terrestres estão fechadas, que pelo mar ainda tem chance de... Ah, tudo isso é culpa da Amal! — explodiu Nabir.

Os joelhos de Emanuel tremeram só de pensar que os amigos sabiam de algo que ele próprio desconhecia.

— O que... o que tem Am... Amal? — perguntou gaguejando de tão nervoso.

— Ora, o que tem Amal! Ela foi até os guardas, você não soube? — respondeu Nabir.

— Sim, soube.

— Então, pronto.

Emanuel sentiu tontura. Sentiu um peso nos ombros como se tivesse carregado galões de água o dia inteiro. Além disso, veio-lhe uma repentina vontade de chorar, alguma coisa bem pesada, vinda de dentro, que ele não podia ver.

Foi quando Kalil falou:

— Disse para Amal não ir, mas ela não me escutou, o que eu podia fazer?

— Você? Como? Quando? — balbuciou Nabir, enquanto Emanuel tirava o braço do ombro do amigo para sacudir as mãos, como se estivesse nervoso ou com vontade de enxugá-las.

— Ontem na colina... Depois que a gente desceu, vi que Amal não estava e que ia escurecer logo, logo.

— E o que você fez? — indagou Emanuel.

— Voltei para procurar ela, ué — respondeu Kalil, abrindo os braços e levantando os ombros como quem pergunta: “Não é óbvio?”. E talvez por isso mesmo tivesse feito o gesto, por não saber o significado da palavra “óbvio”. É que Kalil ainda era pequeno.

— E depois o que aconteceu? — quis saber, Nabir.

— Ué, encontrei ela lá e pedi que a gente voltasse junto, porque estava quase escuro. Ela estava bem triste.

— Triste? — perguntou Emanuel.

— Sim. Achava que o velho manco ia levar as pipas para os guardas e dedurar você, então me falou que ia resolver isso.

— Mas você não me disse nada! — exclamou Nabir. — E o que ela fez?

— Ela me mandou guardar segredo. Falou que assim que amanhecesse iria até a administração e diria que a ideia das pipas tinha sido dela.

— E você não falou nada, Kalil?! Como você é besta — disse Emanuel.

Como ninguém nunca tinha ouvido ele falar daquele jeito, Kalil viu que a coisa era séria mesmo e começou a chorar.

— Mas a Amal falou que tudo ia ficar bem... que não ia acontecer nada com ela, porque as orações que ela faz são iguais às que quase todo mundo faz aqui. Como eu ia saber? Não sou besta, só sou pequeno. Ela disse que para ela o castigo não ia ser tão ruim.

Foi quando Emanuel entendeu o que tinha acontecido e todo o seu peito se abriu com a puxada de ar que deu. Foi um respiro, mas parecia que cheirava um frasco de perfume.

— Vou até a casa da Amal agora mesmo — declarou.

— Ela não está lá, a gente passou na casa dela antes de vir para cá — contou Kalil.

— E onde será que ela foi parar?

— E a gente que sabe? — perguntou Nabir de volta.

Emanuel ficou um bom tempo calado, pensativo. Nabir e Kalil acharam que estava fazendo conta de cabeça, até que ele finalmente disse:

— Fariam um favor para mim?

— Claro, Emanuel — responderam os dois juntos.

— Procurem Amal pelo campo e peçam que ela me encontre na colina.

— Na colina? — perguntou Nabir.

— Sim. Em uma hora.

— E aonde você vai, Emanuel? — indagou Kalil.

— Na casa de Omar.

— Quem é Omar? — quis saber Kalil.

— O homem que falou com Emanuel hoje no poço — respondeu Nabir.

— Ah... — suspirou Kalil.

Então os dois se separaram para fazer o que o amigo tinha pedido. Emanuel ainda ficou ali, observando o deserto além das cercas do campo. Olhava para ele, desafiante, como se tivesse ganhado de presente a coragem para enfrentar o que viesse. Estava aliviado, não queria ir embora com aquele peso no coração. Agora sabia que Amal quisera protegê-lo e que, se fizera isso, só podia ser por uma razão.

“Amal gosta de mim”, pensou.

E não conseguiu esconder o sorriso que esse pensamento desenhou em seu rosto com um lápis vermelho. Depois se deu conta de que, se estava tão feliz por isso, era porque ele também gostava dela.

“Agora só falta descobrir a frase da bolha azul de sabão”, disse para si mesmo, antes de disparar a correr.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

## ● 6

EMANUEL SENTIA-SE LEVE. Correu sem olhar para o chão até a casa de Omar. Tudo lhe parecia bem melhor: o branco do deserto, o vento quente que sacudia seus cabelos. Ele nem pensava que partiria em breve ou talvez imaginasse que tudo se resolveria de um jeito ou de outro. Enquanto percorria os barracões, até assoviou a melodia de uma canção internacional de que gostava muito desde pequeno.

Quando finalmente chegou ao oitenta e três, deparou com Omar do lado de fora.

— Ora, se não é o bom E-ma-nu-el! — gritou, soletrando seu nome e abrindo os braços até a altura dos ombros, depois de rodar para um lado e para o outro, igual a um ventilador giratório.

Emanuel estranhou o cumprimento meio exagerado, mas sorriu de volta, batendo os pés no chão para se livrar das pedrinhas que entraram

nas sandálias durante o trajeto. Omar se abaixou para pegar uma maleta de madeira, próxima a seus pés, logo dizendo:

— Vamos caminhar, vamos caminhar. Não sei o que fazer com minhas pernas quando estou muito alegre!

Emanuel balançou a cabeça, concordando, embora não fizesse a menor ideia da razão de aquele homem estar tão feliz. Omar andava de um jeito esquisito, abraçando a maleta contra o peito e pisando pesado como um soldado em marcha ou um pinguim levando o mundo nas costas.

— Sabe, Emanuel, esses aqui — e pisou ainda mais forte nas pedras — são os passos de um homem, de um homem velho, claro, mas que já foi criança como você e agora tem que traçar o próprio caminho na Terra. Esses não deveriam ser os passos de vocês.

— De quem?

— De vocês, as crianças!

— Ah, nós.

— Vocês não deveriam andar assim, entende? Passar pelo que estão passando, tão novinhos...

Emanuel não respondeu. Em vez disso, começou a imitar o jeito de Omar andar.

— Não, Emanuel, não faça isso! — gritou, para logo emendar: — Pronto, ali está bom.

Aquilo para o que Omar apontou com o nariz pontudo, já que os braços estavam ocupados segurando a maleta, era uma espécie de guarita, perto da cerca do campo.

— E podemos subir lá? — perguntou Emanuel. — Já tive problemas demais por hoje.

— Sim, fiquei sabendo. Não se preocupe. O sentinela foi meu aluno na universidade, somos grandes amigos. Aquela pobre criança... Falo de sua amiga.

— Amal?!

— Sim. Sabe, o velho Nair não tinha intenção nenhuma de entregar vocês. Quando subiu na colina, só queria alertá-los. Sua amiguinha meteu os pés pelas mãos. Foi lá porque pensava em ajudar um amigo, mas os guardas farejaram algo, bando de macacos velhos. Depois apertaram o velho Nair e ele foi obrigado a falar. Ameaçaram a família dele.

— Não tem mais importância — declarou Emanuel.

— Claro que não, mas é o que eu digo: crianças! É uma vergonha que vocês tenham que passar por isso. Sua amiguinha não tem culpa de nada.

— Eu sei... E o senhor era professor de quê?  
— desconversou Emanuel.

— Na universidade? Ah, logo vai descobrir!  
— respondeu Omar, apontando com o nariz para a escada da guarita.

Subiram. Lá em cima Emanuel permaneceu alguns minutos olhando para o deserto, que, daquele ponto alto, parecia ainda maior, com os cantos iluminados pelo sol e do tamanho de uma terra prometida.

Admirado com aquela visão, nem notou Omar tirar a geringonça da maleta de madeira e começar a armá-la.

— Onde está o sentinela? — indagou Emanuel, sem virar o rosto.

— Deve ter ido tirar uma soneca.

O sol parecia uma pedra de fogo que um gigante atirara no céu. Emanuel ficou com a vista embaçada e fechou os olhos. Como sempre acontecia, o sol continuava lá dentro, agora na forma de uma moeda em brasa flutuando no ar.

— Ficou cego de novo? O bom Emanuel! O bom Emanuel! Precisa aprender a fazer isso.

— Isso o quê?

— Olhar para o céu. Não pode ser nesse horário. Foi quando Emanuel abriu os olhos e viu a

geringonça lá, toda montada no chão, parecendo uma aranha apoiada em três perninhas.

— Sabe o que é isso? — perguntou Omar.

— Acho que sim, vi em um filme uma vez.

— Muito bem. Isso serve para vermos o céu.

Eu ensinava astronomia na universidade.

— Astronomia?

— Por que você acha que meus olhos ficaram tortos desse jeito? Foi de tanto olhar para as estrelas. Mas sabe que ter ficado assim tem suas vantagens? Sou o único homem do campo cujas lágrimas se encontram na ponta do nariz.

Emanuel riu e se aproximou para ver mais de perto o telescópio.

— O senhor gostava de dar aulas?

— Muito, mas aquela era outra época. Agora as pessoas de nosso país têm raiva do conhecimento. O que fizeram com a escola que você estudava, Emanuel?

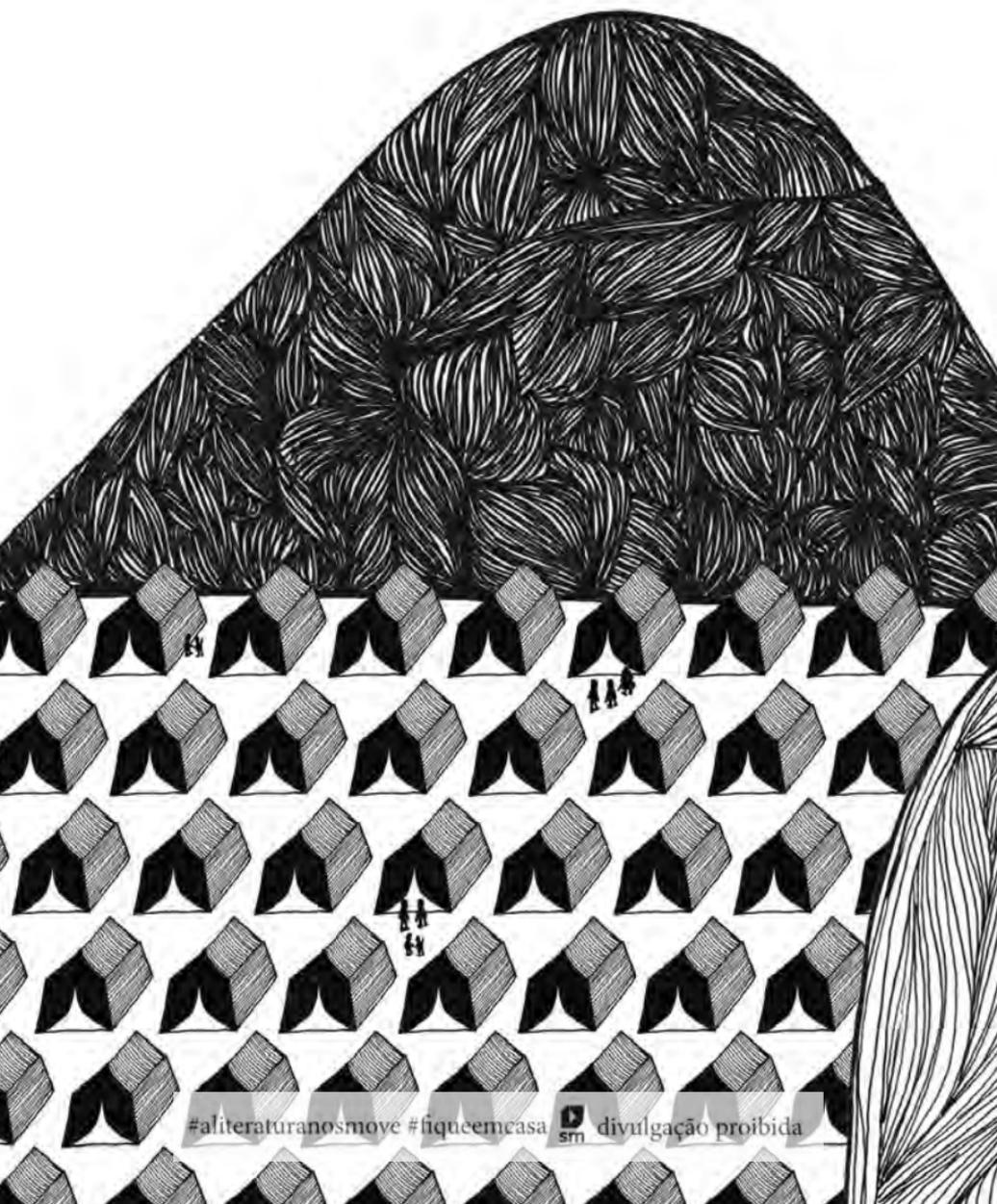
— Jogaram bombas nela.

— É o que estou dizendo.

— E onde o senhor dava aulas fizeram o quê?

— A mesma coisa — respondeu Omar, sério, calando-se em seguida.

Emanuel também se calou e ficou passando a mão pelo telescópio como alguém que acaricia



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

um tigre, sentindo medo e admiração ao mesmo tempo.

— Estou ficando cego, Emanuel... — declarou de repente Omar.

— O senhor?

— Sim, igualzinho às minhas duas filhas. Mas não reclamo. Já vi tudo o que tinha para ver. Vi até demais. Vi o que não queria ter visto, o que adoraria esquecer, mas nunca esquecerei.

— O que o senhor viu?

Omar não respondeu, só moveu a mandíbula dentro da boca fechada. Emanuel teve a impressão de que lembrava de alguma coisa. Isso durou um tempinho, até que ele finalmente falou:

— Você e eu somos iguais, meu menino. Só que você está olhando para o céu na hora errada e sem os instrumentos adequados. Ainda bem que estou aqui para ensiná-lo, não é?

— Vai me ensinar a mexer nisso aí?

— Essa é a parte mais fácil. Antes você precisa entender o princípio de tudo.

— O princípio?

— Sim. Você sabe de onde vieram os cometas, Emanuel?

— Não, senhor.

— Na formação dos sistemas planetários, ma-

térias que faziam parte dos sóis se espalharam pelo Universo depois de grandes explosões, porque nas estrelas acontecem explosões o tempo todo, sabia disso?

— Não.

— Muito bem. O mais interessante é que essas matérias solares se resfriaram, criaram corpo e saíram vagando, vagando, e são esses corpos celestes que chamamos de cometas.

— Então o cometa é um sol que não deu certo — afirmou Emanuel.

— O bom Emanuel! O bom Emanuel! Viu? Sabia que você era quem eu procurava.

— Para fazer o quê? — perguntou, cada vez mais atento ao que Omar dizia.

— O que precisa ser feito. Veja bem: nós estamos aqui no campo de refugiados, certo?

— Certo.

— E cada um de nós é um cometa, ou seja, um sol que não deu certo, como você mesmo disse. Mas aí é que está: não demos certo naquela galáxia, da qual fomos expulsos por causa de uma explosão, concorda comigo?

— Acho que sim.

— Porém isso não quer dizer que não daremos certo em nenhuma outra. Estamos vagan-

do, estamos em trânsito, meu bom Emanuel. Encontraremos nosso lugar, o lugar em que daremos certo. O que me diz?

— É uma mensagem de esperança — disse Emanuel baixinho, como se tivesse pensado alto.

— Isso mesmo. Essa deve ser sua mensagem, uma mensagem de esperança. Precisa contar isso para elas.

— Para as crianças...

— Viu só? Estamos afinados, meu bom Emanuel! Essa é uma mensagem para as crianças, porque para nós, adultos, não existe mais esperança, somos irrecuperáveis, mas para vocês, sim. Se já fomos crianças também e não demos certo, precisamos enxergar o que aconteceu de errado no nosso caminho para que tudo ficasse do jeito que está hoje.

— Para que não se repita com as crianças — sussurrou Emanuel.

— Meu bom Emanuel! Meu bom Emanuel!

Então Omar começou a andar para lá e para cá, como se estivesse fazendo cálculos dentro da cabeça. Falava sozinho também, coisas que Emanuel não conseguia entender, até ele dizer:

— Chame todas as crianças para nos encontrarem na colina amanhã, no começo da noite.

— Na véspera de eu ir embora... — lamentou Emanuel.

— Amanhã será o dia!

— De quê?

— Do cometa, Emanuel! Do cometa! Passará pelo campo amanhã, na primeira lua cheia, duas horas depois do anoitecer.

— Nossa!

— Isso mesmo. Agora preciso ensinar você a mexer nisso — disse Omar, apontando para o telescópio, pois em breve não vai ter mais serventia para mim. A partir de hoje ele é seu.

Então Emanuel pulou de alegria, enquanto Omar gritava:

— O cometa! Os cometas!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

## ● 7

ENQUANTO VOLTAVA DO encontro com Omar, Emanuel relembrava o combinado: no dia seguinte, o astrônomo levaria o telescópio à colina e o ajudaria a montá-lo para que todas as crianças pudessem ver a passagem do cometa. A presença de Omar garantiria que nada desse errado; afinal, mesmo com a primeira aula, ele ainda não sabia mexer direito naquilo.

No caminho, todas as pessoas que cruzavam com ele ou o cumprimentavam, ou o olhavam com tristeza e piedade. Algumas chegavam a aplaudir quando passava ou então gritavam:

— O bom Emanuel! O bom Emanuel!

Já outras diziam:

— Lá vai Emanuel, o bobo que sempre faz a gente rir —, com certeza referindo-se às vezes em que andava feito um cego pelas ruas.

Também havia aquelas que agradeciam sua

ajuda para carregar os garrafões de água. Era bom sentir-se querido...

Desfrutava desse sentimento quando chegou ao pé da colina e viu uma figura no alto dela.

“É Amal!”, disse para si mesmo.

Correu como nunca. Subiu a colina em um piscar de olhos, mais ligeiro que um peixe nadando a favor da corrente. Enquanto corria, pensava em mil coisas para dizer a Amal, porém, quando chegou, estava tão ofegante que não conseguiu falar nada. Encontrou a amiga sentada na pedra alta, as pernas soltas, balançando no ar. Assim que vira Emanuel subindo a colina, ela baixara a cabeça e assim permanecia, como se quisesse contar as pedras.

— Oi, tonto — cumprimentou, sem desprezar os olhos do chão.

— Eu...

Emanuel não conseguiu completar a frase. Pensava em tanta coisa para dizer que acabou se esquecendo de tudo, o rosto vermelho do calor produzido pela carreira que dera. Ficaram assim, uns minutos em silêncio: Emanuel ofegando, igual a um ratinho que acabou de escapar do gato, e Amal sem conseguir olhar para ele, dando a impressão de que nunca mais conseguiria erguer a cabeça.

— Eu estraguei tudo, tonto. — declarou ela, finalmente.

— Não! A culpa não foi sua — falou Emanuel, colocando a mão no queixo dela para erguer seu rosto.

Foi então que notou os olhos molhados e brilhantes, como diamantes que ficaram debaixo da chuva por muito tempo.

— Foi minha culpa, sim. Se eu não tivesse ido até lá para...

— ...me proteger, Amal, para me proteger — interrompeu Emanuel enquanto passava a mão nos cabelos cor de tijolo dela.

— Mas você vai embora, tonto.

— Todo mundo que está num campo de refugiados tem que partir um dia. Ninguém quer ficar num lugar desses para sempre, quer?

— Não, mas eu... nós... ninguém estava preparado, ninguém quer que você vá — respondeu Amal, afastando a mão de Emanuel de seus cabelos, como se não merecesse seu carinho ou como se esse carinho a magoasse.

— Não fique assim. É como na escola, lembra?

— Nem sei se me lembro mais...

— Lembra, sim. A gente passa de um ano para outro, novas turmas se formam, alguns amigos se vão e logo fazemos novos...

— Mas eu não quero fazer novos amigos — disse Amal e desatou a chorar.

— Por que não? Fazer novos amigos não significa que você se esqueceu dos velhos.

— Será que não?

— Tenho certeza — garantiu Emanuel, firme.

— Então não vai se esquecer de mim?

— Nunca.

— Mas como você vai fazer, tonto? Atravessar o deserto de novo? É perigoso.

— Ainda não sei, vamos dar um jeito.

— Quer dizer que a gente nunca mais vai se ver? — perguntou Amal, esfregando o nariz com a lateral do dedo, como se fosse espirrar.

— Isso quer dizer que um dia cada um de nós terá a chance de ser feliz em outro lugar, quem sabe... Este mundo não é tão grande quanto a gente pensa, podemos nos encontrar ainda. Impossível não é, né?

— Acho que não.

— Então... volte aqui amanhã que tenho uma surpresa.

— Que surpresa?

— Que surpresa? É um segredo e os adultos não podem saber.

— O bom Emanuel! O bom Emanuel! — brincou finalmente Amal.

Emanuel sorriu ao ver a amiga sacudir os braços, fungar o nariz e enxugar as lágrimas com a manga da camiseta.

— E Nabir e Kalil, onde estão? — perguntou.

— Queriam ficar aqui para esperar por você comigo, mas eu botei os dois para correr. Pode deixar que aviso eles sobre amanhã.

— Essa Amal...

Permaneceram ali por mais um tempo, calados, admirando o sol descer lentamente no horizonte, até que Emanuel de repente perguntou:

— E a bolha azul de sabão, Amal?

— Que bolha, tonto?

— Nada, não, deixa para lá — respondeu, um pouco decepcionado.

— O bom Emanuel!

— Nos veremos aqui amanhã, então? Uma hora antes de anoitecer? Avise a quem puder.

— Combinado.

E os dois desceram a colina, lado a lado.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

## ● 8

YOUSSEF PASSOU A NOITE toda fora de casa, preocupado. Viu o filho voltar, viu as pessoas se recolharem em seus barracões para dormir, viu o céu avermelhar até escurecer de vez. Passou um bom tempo olhando aquela cor estranha, que lembrava o encontro de dois rios de cores diferentes que, misturadas, pareciam mercurocromo.

Hosana também não conseguiu dormir. Vendo a silhueta do marido lá fora, percebeu que ele não sabia o que fazer. “O que será de nós?”, pensava ela, enquanto observava o sono dos filhos e pedia por alguma espécie de milagre.

Ao amanhecer, uma multidão se aproximou do barracão de Emanuel. O ruído de vozes lá fora acordou a família, que saiu para ver o que estava acontecendo.

O velho Almir vinha na frente de todos, abrindo caminho com seu narigão de elefante e mexen-

do as sobrelhas grossas como se fossem as asas de um pássaro sujo de graxa. Eram tão grandes que cobriam quase toda a testa. Seus passos eram largos, com uma perna chegando cedo e a outra chegando tarde. Depois as trocava, sem que elas se encontrassem. O velho Almir era considerado o “chefe” dos refugiados do campo, uma espécie de síndico que representava os interesses deles diante dos guardas.

As pessoas estavam lá para se despedir, mas não só. Cada família trazia um pouco de dinheiro ou coisas de valor que possuía.

— Mas para quê? — perguntou Youssef.

— Para pagar a um dos guardas do campo — respondeu o velho Almir.

Já estava tudo acertado. No dia seguinte, o guarda levaria a família de Emanuel de jipe, através do deserto, rumo ao mar. Lá chegando, ele daria parte do dinheiro a um conhecido acostumado com esse tipo de serviço, que os levaria de bote até a praia do outro lado.

— E depois?

— A liberdade de ter um lugar para reconstruir a vida! Mas, quando chegarem ao outro país, não se esqueçam de nós! Contem ao mundo o que está acontecendo aqui — disse o velho

Almir, emocionado, as sobranceiras subindo e descendo.

Então todos fizeram uma fila para cumprimentar Youssef e sua família, não importando mais que fossem de religiões diferentes ou que no país deles estivessem se matando entre si por diferenças religiosas. Pois ali, no campo de refugiados, eles aprenderam, aos poucos e da maneira mais dura, que as diferenças se transformam em afinidades quando todos estão no mesmo barco e lutando contra um inimigo comum: a estupidez humana.

Emanuel sorriu e pensou por um momento que talvez Omar estivesse errado. Quem sabe os adultos não fossem assim tão irrecuperáveis quanto ele dissera que eram. Olhou para a fila de novo; não fazia ideia de que houvesse tanta gente no campo. Todos estavam lá, até mesmo a família de Amal, cujo pai não gostava nem um pouco da ideia de a filha andar com um menino da religião dele. Cada criança que passava por ele dava-lhe uma piscada, como se quisesse dizer que já sabia do combinado de logo mais, à noite.

O dia começou bem para sua família e assim foi até o fim. Emanuel ficou fora de casa a manhã toda, fazendo o que costumava fazer: ajudar pessoas com a água, andar feito cego, arrancando

risadas de todos. Kalil, Nabir e Amal não desgrudaram dele nem um minuto. Queriam aproveitar ao máximo a companhia do amigo, perguntando a ele vez ou outra sobre o que aconteceria mais tarde. Emanuel desconversava, o que só aumentava a curiosidade de todos.

Apontava os olhos para cada pedacinho do campo, cada detalhe da paisagem, como se quisesse guardar na lembrança tudo o que conseguisse, principalmente o céu azul, liso e quase sem nuvens, as pedras no chão, que brilhavam como moedas espalhadas, e, claro, os cabelos de fogo de Amal, da cor do sol descendo sobre uma plantação de acerolas.

Foi então que percebeu que nada nem ninguém pode separar as pessoas das coisas que elas mais amam. Pois o que mais amamos nós levamos para sempre, não importa por quanto tempo ou a que distância. “O que mais amamos é nossa herança”, pensou Emanuel. “Fica em nosso coração e de vez em quando dá essas pontadas. É uma parte importante daquilo que temos de melhor, daquilo que nos faz querer melhorar com a gente e com os outros.”

O olhar de Emanuel havia se transformado. Agora via o mundo como se estivesse de olhos

fechados, sentindo o cheiro da chuva. Amal percebeu isso, pois em determinado momento ele olhou para ela desse jeito, como ninguém nunca tinha olhado. Era como se de repente a visse de um modo nunca visto.

— O que foi, tonto? — perguntou ela, sentindo-se envergonhada.

— Nada.

— Pois quem nada é peixe — brincou ela.

— Gosto de você, Amal. Do jeito que você é.

— Tonto! Tonto! Tonto! — gritou Amal, sorrindo, enquanto Kalil e Nabir gargalhavam, mesmo sem entender por quê.

•••

As noites no deserto são bem bonitas. E frias! E não é só pelo tom avermelhado que o céu adquire e aos poucos parece enrolar em si mesmo, feito uma panqueca, até sumir na escuridão. Não! É também pelo silêncio que desce sobre as coisas, caindo devagar igual a um pano grande, como se de repente o mundo ficasse em paz com tudo o que existe nele, depois de ser transformado em uma redoma.

Emanuel não queria perder esse espetáculo por nada. Avisou em casa que ia se despedir dos

amigos e saiu a tempo de ver a lua cheia dar o ar da graça no céu ainda claro. Parecia um queijo amarelo, em brasa, um sol noturno para o qual se podia olhar diretamente sem machucar os olhos. E ele olhou um bom tempo para a lua sem ficar cego. Depois correu até a casa de Omar.

Lá chegando, encontrou o pobre astrônomo do lado de fora, andando para lá e para cá, batendo com as duas mãos na cabeça.

— Estão errados, meu bom Emanuel! Estão errados!

— O quê? — perguntou, amedrontado.

— Os cálculos! Os cálculos! Olhe aqui — disse Omar, estendendo um papel todo amassado na direção dele.

Tudo o que Emanuel viu, no entanto, foi um monte de garranchos de números e sinais bastante estranhos.

— Não estou entendendo nada — respondeu.

— O cometa! O cometa! Não vai passar hoje, eu estava enganado.

— Vai, sim — afirmou Emanuel, batendo o pé, com uma teimosia que não sabia que tinha.

— Vai, sim, o quê? Vai, sim, como? Não viu o papel? Não entendeu nada?

— Não me importo com o papel. Não entendo

o que está escrito nele. O que sei é que todos já devem estar lá, me esperando.

— Esperando para quê, Emanuel? Vai querer passar vergonha na frente dos seus amigos? Veja aqui, os cálculos...

Então Emanuel afastou a mão de Omar de perto dele.

— Eles são meus amigos e estarei lá com eles. O cometa vai passar, sim, e ponto-final! — respondeu, decidido, para em seguida completar: — Não tenho mais tempo! Além disso, o senhor já se enganou uma vez e pode, muito bem, estar enganado de novo.

— Me enganei? Claro! E posso saber quando foi isso?

— Hoje de manhã, a fila... Os adultos não são irrecuperáveis, as pessoas podem ser boas...

— O bom Emanuel! O bom Emanuel! Santa ingenuidade...

— Já decidi.

— Tudo bem, mas eu não vou com você para ser humilhado em público. Se quiser ir sozinho, vá. O telescópio é seu!

— Obrigado. Então me dê ele que vou embora — disse Emanuel.

Omar entrou em casa, voltando em seguida.

— Boa sorte! — falou, entregando-lhe a pesada maleta.

Ao ver Emanuel carregando sozinho aquele peso todo, Omar sorriu, orgulhoso do menino. Sentiu vontade de chorar e logo suas lágrimas se encontraram na ponta do nariz.

Emanuel atravessou o campo com a maleta pesada, parando a cada quatro passos para descansar. Pelo caminho, os guardas caçoavam dele:

— Lá vai o bom Emanuel carregando sua cruz!

Riam e batiam na barriga de tanto rir ou então gritavam:

— Quer ajuda, bom Emanuel?

Ele não respondia. Quando se cansava muito, deixava a maleta no chão e a arrastava pela alça, como se tivesse rodinhas. Sentiu muita vontade de chorar, mais por causa do esforço e do medo de que Omar estivesse certo e menos das provocações, mas não derramaria nem uma lágrima sequer na frente dos guardas.

Como a noite estava clara, algumas pessoas ainda circulavam pelo campo e viram Emanuel arrastando a maleta, mas ninguém foi ajudá-lo, temendo a reação dos guardas. Menos o velho Nair, que lentamente se aproximou dele, dizendo:

— Está indo para onde, bom Emanuel?



— Por que demorou tanto, tonto? — indagou Amal.

— Tive problemas — explicou Emanuel.

— E esse aí... — disse ela, referindo-se ao velho Nair.

— Ele me ajudou.

— Estamos aqui há um tempão — reclamou Kalil.

— Desculpem, agora não demora muito — justificou Emanuel.

— O que não demora? — quis saber Amal.

Porém ele não conseguiu responder, tão ofegante que estava depois da subida com a maleta.

— Deixem o bom Emanuel tomar um pouco de fôlego — pediu Nair.

— Não, nada... nada de tomar fôlego... ele pode... pode... passar a qualquer momento — disse Emanuel, puxando o ar com bastante força.

— Mas o que vai passar? O que vai passar? — perguntou Nabir.

Emanuel fez sinal para que as crianças sentassem ao redor dele, enquanto o velho Nair se afastava para se acomodar na pedra alta. Todas tinham os olhos curiosos e bem arregalados. Então Emanuel falou. Falou tão bem como nunca ninguém o ouvira falar. Contou do cometa e da

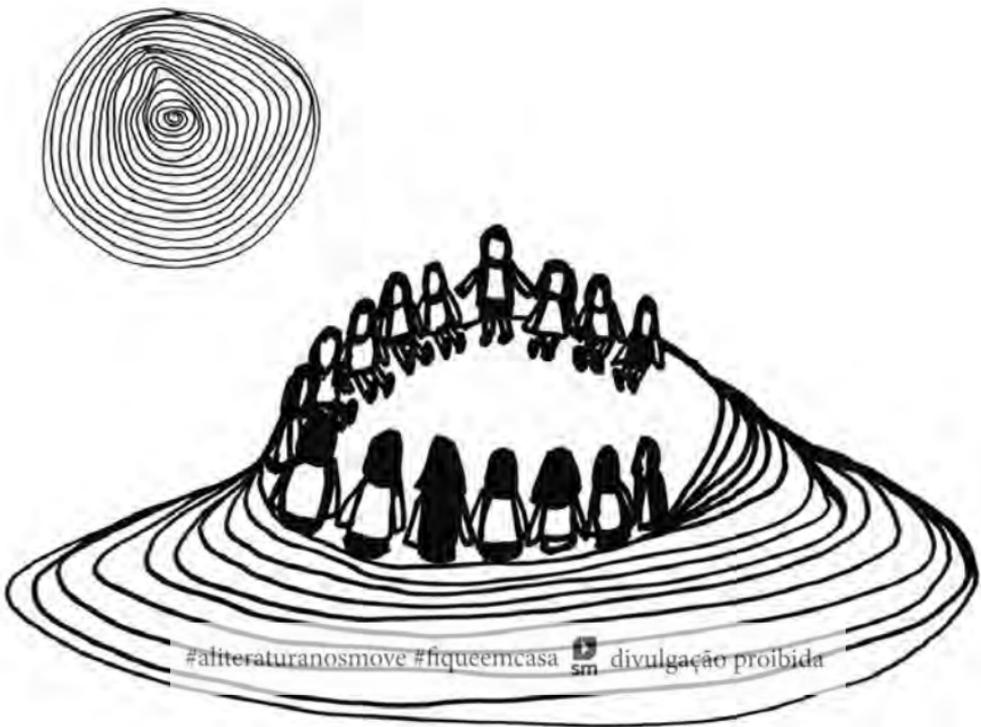
mensagem de esperança, para a qual Omar tinha aberto seus olhos. E os olhos de Emanuel, tão azuis, brilhavam sob a lua cheia como duas jóias do fundo do mar. Quando terminou de falar, Nair bateu palmas lá da pedra:

— Bravo, Emanuel! Bravo!

As crianças, por sua vez, não disseram nada, até que Kalil levantou a mão.

— Quer dizer que todo mundo vai ficar bem? Não ficaremos presos aqui para sempre?

— Não, vocês não ficarão presos — respondeu Emanuel.



— Por que somos cometas viajando no espaço, procurando um lugar para ser feliz? — perguntou Nabir.

— Isso mesmo — afirmou Emanuel.

Então todos olharam para o céu e permaneceram calados, enquanto Emanuel corria até a maleta.

— Mas a que horas o cometa vai passar? — indagou Amal.

— Ainda não sei, pode ser a qualquer momento — falou Emanuel, retirando as partes do telescópio para montá-lo. Então viu o que mais pesava na maleta: os três suportes de ferro que deixavam o instrumento em pé.

— Mas o que é isso, Emanuel? — quis saber Nabir.

— Vai nos ajudar a ver o cometa — explicou ele.

Mas Emanuel estava com dificuldade para ajeitar tudo; talvez tivesse esquecido o que aprendera na aula prática de Omar.

— Deixe-me ajudá-lo — disse o velho Nair.

No entanto, nem com ajuda a coisa funcionava. Tudo parecia bem mais complicado agora.

— Acho que não vai conseguir... — resmungou Kalil.

— Vou, sim! E todos poderão ver o cometa! Todos! — gritou Emanuel, desesperado.

Nabir ia perguntar alguma coisa, mas Amal colocou a mão na boca dele, dizendo:

— Deixe Emanuel trabalhar em paz! Não está vendo que ele está se esforçando?

Depois olhou para todos com uma cara tão feia que ninguém teve coragem de perguntar mais nada.

Apesar do frio, Emanuel suava em bicas, tentando arrumar o telescópio e olhando para o céu a cada minuto.

— Não entendo como isso funciona! — exclamou ele.

— Nem eu... — disse o velho Nair.

O tempo passava devagar, mas estava passando. A lua cheia já estava no ponto mais alto, igual a uma abóbora de ouro, e ninguém perguntava nada, porque Amal estava de olho.

— Mas, Amal...

— Psiu! Quietos!

A dificuldade toda era encaixar o telescópio nos suportes.

Eles simplesmente não entravam.

— Calma, bom Emanuel, calma — disse Nair, na certa por acreditar que, quando ficamos ner-

vosos, não conseguimos fazer as mais simples tarefas, porque o nervosismo nos cega. — Entretanto, ele mesmo estava nervoso. — E, depois de pronto, você sabe para que lado apontar isso para ver o cometa? — perguntou.

— Deixe ele em paz! — gritou Amal.

— Não sei, não sei, precisamos testar...

Nesse instante, Emanuel percebeu que não teria tempo para decidir para qual lado apontar. Foi quando jogou os suportes no chão e começou a chorar.

Ao vê-lo daquele jeito, as crianças correram para perto dele.

— Desculpem, desculpem, eu decepcionei vocês — dizia Emanuel.

— Não importa — respondeu Amal.

— Isso quer dizer que não veremos mais o cometa? — perguntou Kalil.

— Acho que...

Emanuel não teve tempo de completar a frase, pois o velho Nair soltou um grito, apontando para o alto:

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Uma grande luz alaranjada se espalhou pelo céu, igual a uma teia de ouro derretendo. Então todos viram a imensa bola de luz, que dava a im-

pressão de ter se descolado da lua para mudar de cor depois de ganhar velocidade, adquirindo tom de fogo, mas de um fogo laranja, que saía da bola, formando uma cauda atrás dela, feito véu de noiva.

Todos assistiram ao evento meio que hipnotizados. A passagem durou apenas uns segundos, mas foi o suficiente. Em seguida, o cometa sumiu no céu mais rápido que um relâmpago. Mesmo assim, as crianças e o velho Nair continuaram olhando para cima por um bom tempo.

Se pudéssemos ver a retina de cada um, veríamos o cometa gravado lá para sempre. Viajando.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

## ● 9

AINDA BEM QUE os dias são grandes o suficiente para que neles também aconteçam coisas boas que ajudam as pessoas a suportar as ruins.

Essa é a mensagem que Emanuel passou enquanto esteve no campo. Ensinou sem querer, ou sem perceber que ensinava, que os dias seguem, um depois do outro, porque a Terra continuará seu trabalho de dançar em torno do Sol e dias melhores virão, de um jeito ou de outro.

Choveu no dia em que ele e sua família deixaram o campo. Foi algo muito surpreendente, porque havia anos que não chovia no deserto. As pessoas ficaram surpresas e tão alegres que se abraçaram e agradeceram, algumas nem sabiam a quem, mas o fizeram assim mesmo, pois a felicidade não precisa de justificativas.

Já as crianças mergulhavam nas poças d'água e brincavam como se estivessem em um clube

com piscina. Muitos aproveitaram para tomar banho, para colocar bacias ao ar livre. Era como se o céu do deserto também chorasse a despedida daquele menino que sempre olhou para cima com bons olhos.

A chuva já estava fraquinha quando as pessoas foram se despedir dele e de sua família. Todos os amigos estavam lá, menos Amal. Emanuel ficou triste. Queria vê-la e dar-lhe o telescópio de presente, pois, além de ser pesado para levar na viagem, deixá-lo com ela significava dizer que tinha esperança de reencontrá-la. No entanto, imaginou que seria duro para ela dar adeus.

Perto do portão, o jipe do guarda já estava ligado, à espera, fazendo um ruído semelhante a um leão ferido respirando.

— Você entrega para Amal? Peça para algum adulto te ajudar a carregar — disse Emanuel a Nabir, passando-lhe a maleta com o telescópio.

Nabir não conseguiu responder de tanto que chorava. Seus olhos brilhavam.

Kalil estava ao lado dele, grudado na mão de Emanuel como um marisco na pedra. O primeiro já não tinha mais lágrimas para chorar, mas a água da chuva fazia as honras delas em seus olhos tristes.

— Nos veremos de novo, amigos! — exclamou Emanuel.

— Mas quando? Quando? — choramingou Kalil.

— Não sei... O importante é que a gente esteja sempre junto aqui — afirmou Emanuel, apertando com o dedo indicador o lugar onde ficava, no peito, o coração do amigo.

— E vai caber todo mundo? — perguntou Kalil.

— Com certeza — afirmou Emanuel, sorrindo.

O guarda gritou que já estavam atrasados. Emanuel prontamente caminhou na direção dele. A rapidez diminuía a dor da despedida.

Quando estava quase alcançando o jipe, ouviu uma voz que conhecia muito bem:

— Tonto! Tonto! Tonto!

Só teve tempo de se virar e receber aquele abraço do tamanho do susto que levou.

Amal o apertou tão forte que Emanuel achou que ela quisesse quebrá-lo ao meio.

— Vai se esquecer de mim, tonto? Vai? — perguntou Amal, embora já soubesse a resposta:

— Nunca!

— Promete?

— Prometo! Até deixei um presente para você...

— Já sei o que é — respondeu ela, olhando na direção de Nabir.

Nesse instante, recomeçou a chover forte. Os olhos de Amal se encheram d'água, mas não eram gotas de chuva. Os de Emanuel também, e a água dos olhos dele era ainda mais salgada.

— Bom, então acho que vou voltar — sussurrou Amal.

Mas ela ficou. Amal sempre ficava e agora Emanuel sabia por quê.

O guarda buzinou de novo, impaciente. Youssef chamou o filho.

Amal beijou as bochechas do amigo querido e cochichou algo em seu ouvido. Emanuel sorriu e ela também.

As palavras da bolha azul de sabão!

Emanuel subiu no jipe e o veículo logo sumiu no deserto, levantando uma nuvem de poeira que as gotas de chuva demoraram a desmanchar.

Ele não olhou para trás. Se olhasse, não conseguiria ir.

•••

O jipe levou horas e mais horas para atravessar o deserto. Em alguns momentos, não dava

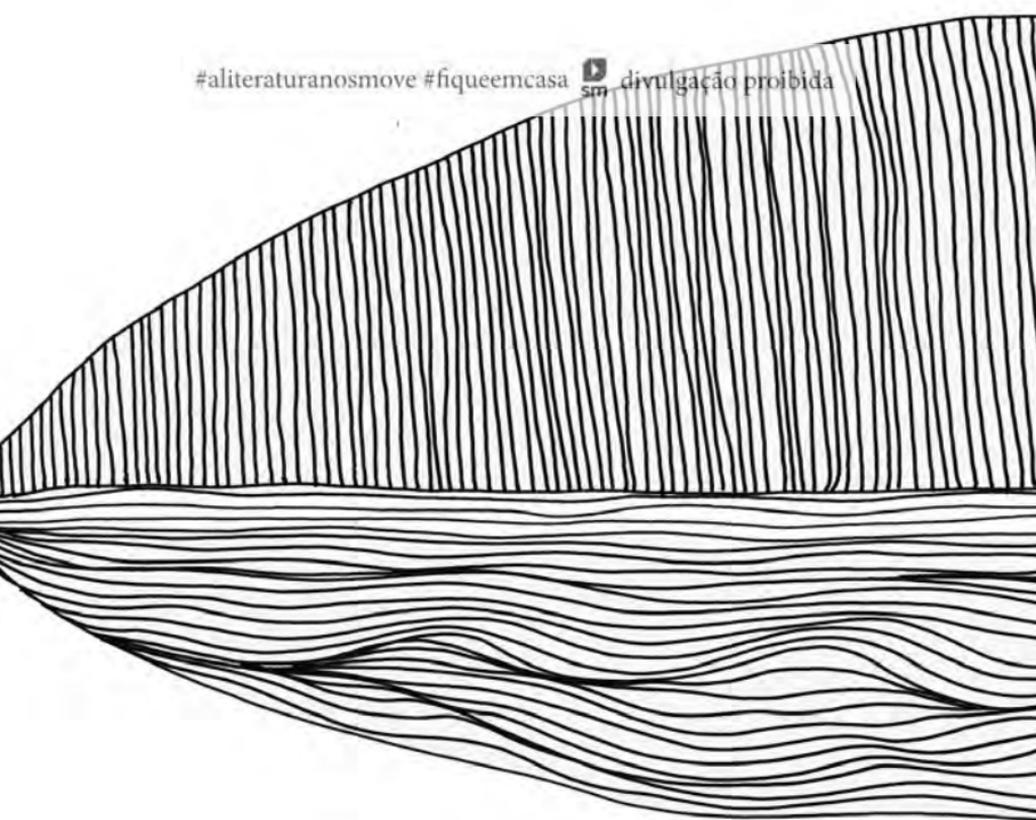
para saber se estavam parados ou se iam rápido demais. É que a paisagem nunca mudava. Emanuel só se convenciu de que se moviam quando o pneu passava por algum buraco, sacudindo todos que iam sentados no banco de trás.

Durante a viagem, o guarda abriu a boca apenas uma vez, para dizer que eles iam gostar do novo país, o país do sol e dos filósofos. Youssef riu. Aliás, ele era só sorriso, assim como a mulher e as filhas.

Apenas Emanuel estava pensativo, pelo menos até quase alcançarem o mar. Foi o tempo necessário para a chuva deixar de cair. O céu ficara lindo, parecia que as águas o tinham lavado! Tudo brilhava como em um sonho onde o vidro se transforma em diamante.

Um pouco antes de descerem do jipe, Emanuel sentiu a brisa salgada no rosto. Também ouviu o barulho de ondas quebrando ao longe. Seu coração disparou, dava pontapés em seu peito, tanto que ele correu e se distanciou da família, subindo primeiro que todos no relevo que separava o deserto do mar.

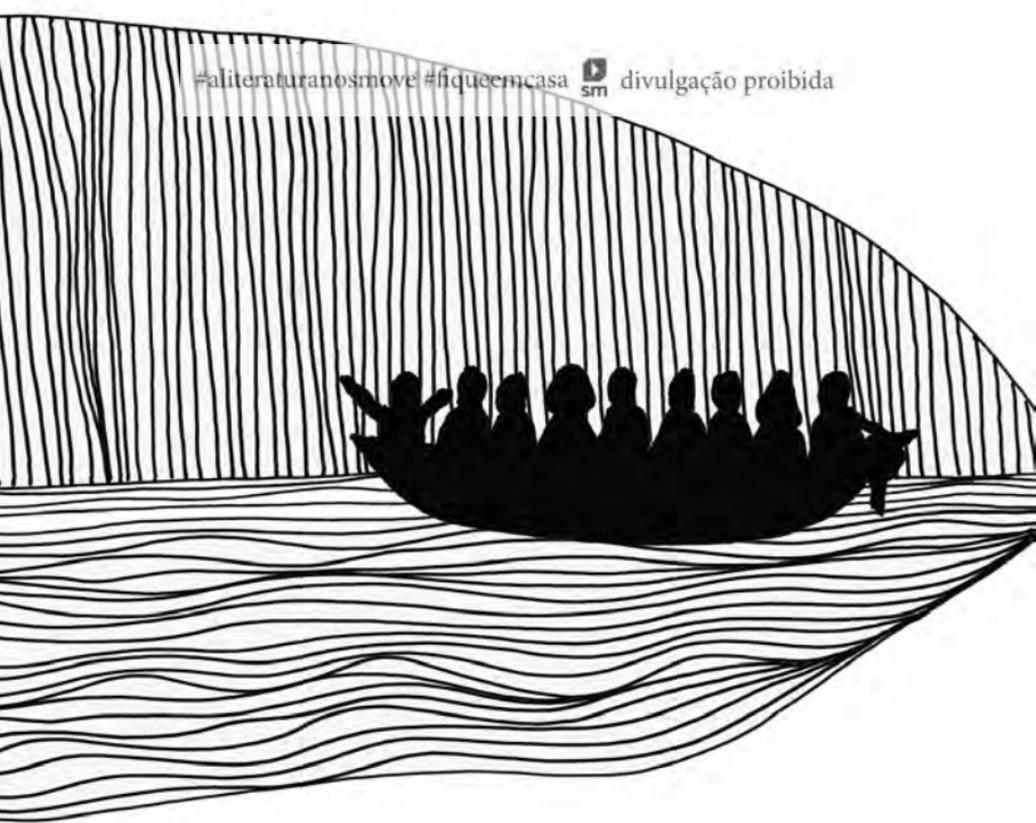
A água se movia com força e iluminada. Movia-se sem sair do lugar, igual a uma serpente azul mexendo os músculos só para fazer cócegas na barriga se esfregando no chão. Emanuel nunca tinha visto algo tão bonito!



Ali ele ficou um bom tempo, admirado. Em seguida, com a mão fazendo sombra nos olhos, mirou ao longe e deu-se conta de que estava certo: o céu era o mar, eles se encontravam ali, na linha do horizonte.

— Vamos, menino! — chamou o guarda ao passar por Emanuel, seguido de sua família.

O homem com o bote já estava na praia, à espera. Era uma embarcação simples e pequena, com um motor preso atrás. O guarda do campo entregou um pacote nas mãos dele, dizendo:



— Estão entregues!

O homem suspirou bem fundo, como se fosse dormir.

— Vamos ter que seguir por outro trecho, a guarda costeira...

— Sei que vai dar um jeito — declarou o guarda, indo embora sem se despedir de ninguém.

Havia mais uma família de refugiados sírios: um homem, uma mulher e um menino bem mais novo que Emanuel. Com esse tanto de gente, o bote ficou lotado.

O homem, que era o condutor da embarcação, instruiu os adultos a vestir os coletes salva-vidas e depois ajudar os meninos a colocar os deles. Em seguida, todos subiram a bordo, e o motor foi ligado.

Enquanto zarpavam, Youssef perguntou ao condutor qual era o problema com a guarda costeira. O homem respondeu, seco, que ninguém os queria por lá. Que a guarda costeira vigiava a faixa litorânea e, quando via uma embarcação com refugiados, os obrigava a voltar. Mas ele disse que ninguém precisava se preocupar com isso, pois conhecia um estreito através do qual levaria todos com segurança. Aliás, já tinha feito isso várias vezes, pois era assim que ganhava a vida.

— E o que é um estreito? — quis saber, curioso, Emanuel.

— Um canal de água que une dois mares ou oceanos e separa duas massas de terra — respondeu o condutor, como se tivesse decorado aquilo da enciclopédia.

— E se chegarmos à praia? — perguntou Youssef.

— “Se”, não; nós vamos chegar, é o meu trabalho — afirmou ele.

— Quando chegarmos...

— Estarão salvos. As fronteiras para cá estão fechadas e fica muito caro para o governo mandar de volta todo refugiado que chega pelo mar. É mais barato ficar com vocês por lá.

Dito isso, o homem se calou. O bote seguiu por quatro horas em um mar calmo, quase liso. Aqui e ali só umas ondas subiam na forma de punhos erguidos para o céu, parecendo desafiá-lo.

Emanuel estava fascinado. A luz do sol batia nas águas como um refletor ligado de frente para um espelho. E a brisa era deliciosa.

O menino da outra família o observava com os olhos cheios de medo. Parecia bem incomodado de estar ali, com um colete grande demais para seu tamanho e indo sabe-se lá para onde. A mãe o abraçou e ele sossegou um pouco.

Perto do estreito, a alguns quilômetros da praia, todos ficaram apreensivos, mas nem sinal da guarda costeira. Mesmo assim, ninguém respirava.

Emanuel continuava hipnotizado pela beleza do mar, mais ainda pelo fato de não ter ficado cego com toda aquela luz. Pois olhou diretamente para ele várias vezes, uma delas para observar um voo de gaivotas.

Quando conseguiu avistar a praia lá longe, o

pai do menino notou que o colete do filho estava muito folgado e se ergueu para ajudá-lo. Foi quando uma onda que vinha quebrar na praia se aproximou. O condutor gritou. Então, a onda causou um desequilíbrio e o bote virou...

Tudo aconteceu tão rápido que parecia um sonho ruim, só que ninguém estava dormindo. Dizem que, quando acontece algo assim, fazemos coisas que não faríamos se tivéssemos tempo de pensar.

Emanuel viu o desespero: o menino afundou e seu colete ficou boiando na superfície. O restante das pessoas parecia bem, até mesmo sua irmã grávida, que boiava calmamente.

As ondas empurraram todos para a praia. Os homens retiraram o colete e mergulharam para tentar achar o menino. E foi o que Emanuel fez, sem parar para pensar que ele não sabia nadar, como provavelmente a outra criança também não. Ele então afundou e a última coisa de que se lembra disso tudo é de ter pensado que no fundo do mar o sol também se movia na forma de um disco luminoso flutuando na escuridão azul. O mesmo sol que via dentro dos olhos quando ficava cego na superfície: do tamanho e da cor de uma tangerina.



Emanuel não se recorda de como se salvou. Só se lembra de uma luz imensa, vindo em sua direção.

Da janela do abrigo, ele pensa com tristeza nas crianças que, como aquele menino do bote, não sobreviveram às diversas formas de intolerância. Dali, olhando para o céu (sempre o céu) e vendo a noite passar, ele também espera pelos amigos do campo enquanto sonha com um mundo melhor que este. Um mundo onde as crianças não precisem se preocupar com nada além dos estudos e em crescer para se tornarem adultos melhores que seus pais.

E pensa em Amal, claro.

O que Emanuel nem imagina é que, neste exato instante em que pensa nela, Amal está na colina do campo, com o telescópio montado (pois aprendeu a montá-lo sozinha, com amor e paciência), observando a mesma lua que ele vê ali do abrigo.

Ela está tão entretida que nem nota o velho Nair se aproximar.

— O que tanto você vê no céu que não para de olhar para ele, noite após noite?

— Não é o céu, é o mar — responde Amal. — Estou vendo o mar.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



**TADEU SARMENTO** nasceu em Recife, em 1977. Já morou em Manaus e São Paulo e atualmente reside em Belo Horizonte. É autor dos romances *Associação Robert Walser para sócias anônimos* (Cepe, 2015), vencedor do II Prêmio Pernambuco de Literatura, e *E se Deus for um de nós?* (Confraria do Vento, 2016). Também escreveu a biografia *CAFUCA: essa amizade nem o tempo desmonta* (Confraria do Vento, 2016). Com o livro inédito de poemas *Um carro capota na Lua*, ganhou o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, em 2016.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



**APO FOUSEK** nasceu em São Paulo, em 1974. É artista plástico multimídia com formação em design gráfico pela Universidade Senac. Em 2005, fez a primeira mostra individual, apresentando sua trajetória dos cinco aos trinta anos – dos desenhos da infância aos projetos de arte. Passou então, a realizar exposições e a participar de coletivas na Argentina, nos Estados Unidos e em países da Europa. É um artista ativista, que explora a relação dos seres humanos com a natureza, a ética com os animais, as práticas de consumo consciente e os modos de vida alternativos.

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

**FONTES** Unit Rounded e Augereau

**PAPEL** Offset 90 g/m<sup>2</sup>